



Universidades Lusíada

Costa, Joana Patrícia Ramalho, 1995-

A percepção da qualidade de vida dos filhos com NEE

<http://hdl.handle.net/11067/4411>

Metadados

Data de Publicação

2018

Resumo

O conceito qualidade de vida é considerado um termo recente, desde a década de 60 que se começaram a realizar as primeiras investigações, devido à necessidade de se estudar os vários fatores envolventes nesta temática, tendo em conta não só o bem-estar económico e financeiro, mas também o bem-estar físico, mental, social ou outros. Estudar a qualidade de vida de crianças com necessidades educativas especiais trata-se de um grande desafio devido à forte heterogeneidade do grupo e devido às implic...

The concept of quality of life is not considered a recent term, since the 60's had been carried out the first investigations, due to the need to study the various factors involved in this issue, taking into account not only the economic wellbeing and financial, but also physical, mental, social or other well-being.. Studying the quality of children's life with special educational needs is a great challenge because of the strong heterogeneity of the group and due to the implications/ adaptations ...

Palavras Chave

Crianças com deficiência, Pais de crianças com deficiência, Qualidade de vida

Tipo

masterThesis

Revisão de Pares

Não

Coleções

[ULL-IPCE] Dissertações

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-04-23T18:54:46Z com informação proveniente do Repositório



UNIVERSIDADE LUSÍADA DE LISBOA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA E CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
Mestrado em Psicologia Clínica

A percepção da qualidade de vida dos filhos com NEE

Realizado por:
Joana Patrícia Ramalho Costa

Orientado por:
Prof.^a Doutora Tânia Gaspar Sintra dos Santos

Constituição do Júri:

Presidente: Prof. Doutor António Martins Fernandes Rebelo
Orientadora: Prof.^a Doutora Tânia Gaspar Sintra dos Santos
Arguente: Prof.^a Doutora Túlia Rute Maia Cabrita

Dissertação aprovada em: 17 de Dezembro de 2018

Lisboa
2018



U N I V E R S I D A D E L U S Í A D A D E L I S B O A

Instituto de Psicologia e Ciências da Educação

Mestrado em Psicologia Clínica

A percepção da qualidade de vida dos filhos com
NEE

Joana Patrícia Ramalho Costa

Lisboa

setembro 2018



UNIVERSIDADE LUSÍADA DE LISBOA

Instituto de Psicologia e Ciências da Educação

Mestrado em Psicologia Clínica

**A percepção da qualidade de vida dos filhos com
NEE**

Joana Patrícia Ramalho Costa

Lisboa

setembro 2018

Joana Patrícia Ramalho Costa

A percepção da qualidade de vida dos filhos com NEE

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade Lusíada de Lisboa para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia Clínica.

Orientadora: Prof.^a Doutora Tânia Gaspar Sintra dos Santos

Lisboa

setembro 2018

Ficha Técnica

Autora Joana Patrícia Ramalho Costa
Orientadora Prof.^a Doutora Tânia Gaspar Sintra dos Santos
Título A percepção da qualidade de vida dos filhos com NEE
Local Lisboa
Ano 2018

Mediateca da Universidade Lusíada de Lisboa - Catalogação na Publicação

COSTA, Joana Patrícia Ramalho, 1995-

A percepção da qualidade de vida dos filhos com NEE / Joana Patrícia Ramalho Costa ; orientado por Tânia Gaspar Sintra dos Santos - Lisboa : [s.n.], 2018. - Dissertação do Mestrado em Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade Lusíada de Lisboa.

I - GASPAR, Tânia, 1977-

LCSH

1. Crianças deficientes
2. Pais de crianças deficientes
3. Qualidade de vida
4. Universidade Lusíada de Lisboa. Instituto de Psicologia e Ciências da Educação - Teses
5. Teses - Portugal - Lisboa

1. Children with disabilities

2. Parents of children with disabilities

3. Quality of life

4. Universidade Lusíada de Lisboa. Instituto de Psicologia e Ciências da Educação - Dissertations

5. Dissertations, academic - Portugal - Lisbon

LCC

1. HQ759.913.C67 2018

Índice

Índice.....	V
Índice de Tabelas	VII
Índice de Figuras	IX
Agradecimentos	XI
Resumo.....	XIII
Abstract	XV
Lista de abreviaturas, siglas, acrónimos e símbolos	XVII
Introdução	1
Enquadramento teórico	5
Família	5
Parentalidade.....	7
Estilos Parentais	11
Modelo Integrativo de Darling e Steinberg	14
Qualidade de Vida na Infância e Adolescência	15
Parentalidade e Necessidades Educativas Especiais (NEE)	19
Qualidade de Vida e Necessidades Educativas Especiais (NEE)	23
Objectivos	25
Metodologia	27
Participantes.....	27
Instrumentos.....	28
Procedimentos.....	30
Apresentação dos Resultados	33
Análise de Variância (ANOVA).....	33
Regressão	43
Discussão.....	47
Conclusão	53
Referências	55
Anexos	63
Lista de Anexos	65
Anexo A	67
Anexo B	71
Anexo C	75

Anexo D	81
---------------	----

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Diferenças de médias entre estilos parentais e género dos pais	33
Tabela 2 - Diferenças de médias entre qualidade de vida e género dos pais.....	33
Tabela 3 - Diferenças de médias entre os estilos parentais e a idade dos pais	34
Tabela 4 - Diferenças de médias entre qualidade de vida e a idade dos pais	34
Tabela 5 - Diferenças de médias entre os estilos parentais e a idade dos filhos	35
Tabela 6 - Diferenças de médias entre perceção de qualidade de vida e a idade dos filhos	36
Tabela 7 - Diferenças de médias entre os estilos parentais e a situação de vida atual ...	36
Tabela 8 - Diferenças de médias entre a perceção da qualidade de vida dos filhos e a situação de vida atual.....	37
Tabela 9 - Diferenças de médias entre estilos parentais e o estado civil dos pais.....	37
Tabela 10 - Diferenças de médias entre qualidade de vida e o estado civil dos pais	38
Tabela 11 - Diferenças de médias entre estilos parentais e o local de residência	39
Tabela 12 - Diferenças de médias entre qualidade de vida e o local de residência.....	39
Tabela 13 - Diferenças de médias entre estilos parentais e a escolaridade	40
Tabela 14 - Diferenças de médias entre qualidade de vida e a escolaridade.....	40
Tabela 15 - Diferenças de médias entre as dimensões principais e ter/não ter NEE.....	41
Tabela 16 - Diferenças de médias entre as dimensões que compõem a variável qualidade de vida e ter/não ter NEE.....	42
Tabela 17 - Regressão linear das variáveis género e idade como tentativa de predizer a perceção da qualidade de vida (modelo 1)	43
Tabela 18 - Regressão linear das variáveis género, idade, suporte emocional, rejeição e tentativa de controlo como predictoras da perceção da qualidade de vida (modelo 2)....	43

Tabela 19 - Regressão linear das variáveis género, idade, suporte emocional, rejeição e tentativa de controlo, e pelo menos 1 filhos com NEE como preditoras da perceção da qualidade de vida (modelo 3) 44

Índice de Figuras

Figura 1 - Modelo Integrativo de Darling e Steinberg (1993).....	15
--	----

Agradecimentos

À Professora Doutora Tânia Gaspar pela disponibilidade, orientação, dedicação, apoio, profissionalismo e excelência enquanto coordenadora de mestrado em psicologia clínica ao longo destes dois anos de formação.

A todos os professores de licenciatura e mestrado que contribuíram para o meu crescimento enquanto pessoa e enquanto profissional através da transmissão de experiências e conhecimentos obtidos ao longo de todo o percurso académico.

Aos meus amigos e colegas pelo incentivo, companheirismo, carinho e motivação ao longo deste trabalho, que frequentemente me questionavam “quando é que acabas a tese?”.

Aos meus pais, irmãos e sobrinhas pela paciência, palavras de alento nos momentos mais difíceis, coragem, amizade e sobretudo por acreditarem nas minhas capacidades.

E por fim, a todos aqueles que de uma maneira ou de outra fizeram parte desta caminhada e contribuíram para a realização deste sonho.

Resumo

O conceito qualidade de vida é considerado um termo recente, desde a década de 60 que se começaram a realizar as primeiras investigações, devido à necessidade de se estudar os vários fatores envolventes nesta temática, tendo em conta não só o bem-estar económico e financeiro, mas também o bem-estar físico, mental, social ou outros. Estudar a qualidade de vida de crianças com necessidades educativas especiais trata-se de um grande desafio devido à forte heterogeneidade do grupo e devido às implicações/adaptações que a condição acarreta nos diferentes contextos que a criança integra.

Assim, a presente investigação pretende analisar a perceção dos pais acerca da qualidade de vida dos filhos com necessidades educativas especiais (NEE). Para a recolha de dados, foram utilizadas questões sociodemográficas e dois instrumentos, nomeadamente, o instrumento KIDSCREEN-10, proposto por The KIDSCREEN Group Europe (2006) e validado para a população portuguesa por Gaspar e seus colaboradores (2008), que permitiu medir a qualidade de vida dos filhos percebida pelos próprios. Foi também utilizado o instrumento EMBU-P, a versão portuguesa da escala Egnä Minnen Beträffande Uppfostran - Parents version, validada para a população portuguesa por Canavarro e Pereira (2007) com o objetivo de avaliar os estudos parentais mediante a própria perceção dos progenitores. Foram incluídos neste estudo 855 mães e 241 pais, com filhos com idades entre os 6 e os 16 anos de idade, obtendo um total de 1096 pais. A escolha dos participantes obedeceu aos seguintes critérios de inclusão: (a) ser progenitor/progenitora e (b) ter um filho/a com idade entre os 6 e os 16 anos de idade.

Os resultados de um modo geral demonstraram que perceção dos pais acerca da QV dos filhos varia em função da idade da criança, do estado civil dos progenitores e da

situação socioeconómica dos pais. Mais especificamente acerca das necessidades educativas especiais, pais que têm filhos com esta condição tem uma maior perceção de que eles têm menos tempo para si, quando comparados aos que não tem filhos com NEE.

Verificou-se estreita relação da QV com as dimensões da parentalidade: suporte emocional, rejeição e tentativa de controlo, bem como pela existência de filhos com NEE.

Palavras-chave: Parentalidade; Qualidade de vida; Necessidades educativas especiais; Bem-estar; Estilos parentais.

Abstract

The concept of quality of life is not considered a recent term, since the 60's had been carried out the first investigations, due to the need to study the various factors involved in this issue, taking into account not only the economic wellbeing and financial, but also physical, mental, social or other well-being.. Studying the quality of children's life with special educational needs is a great challenge because of the strong heterogeneity of the group and due to the implications/ adaptations that the condition entails in the different contexts that the child integrates.

Thus, the present research intends to analyze the perception of the parents about the quality of life of the children with special educational needs (SEN). For data collection, sociodemographic and two instruments were used. The KIDSCREEN-10 instrument is one of those, proposed by The KIDSCREEN Group Europe (2006) and validated for the Portuguese population by Gaspar and his collaborators (2008), allowed to measure the children's quality of life perceived by the children themselves. Was also used the instrument EMBU-P is the other, the portuguese version of the scale Egna Minnen Beträffande Uppfostran - Parents version, validated for the Portuguese population by Canavarro and Pereira (2007) with the objective of evaluating parental studies through parental perception. In this study, 855 mothers and 241 fathers, with children between the ages of 6 and 16 years, totaling 1096 parents were included. Participants were selected according to the following inclusion criteria: (a) to be a parent, and (b) to have a child between the ages of 6 and 16 years old.

The results generally showed that parents' perception of children's QoL varies according to the child's age, the parents' marital status and the parents' socioeconomic situation. In particular, parents who have children with special educational needs have a

greater realization that they have less time for themselves, compared to those who do not have children with SEN.

There was a close relationship of QoL to the dimensions of parenting: emotional support, rejection and attempted control, as well as the existence of children with SEN.

Keywords: Parenting: Quality of life; Special educational needs; Well-being; Parenting styles.

Lista de abreviaturas, siglas, acrónimos e símbolos

- % - Percentagem
- ANOVA - Análise de variância
- B - Coeficiente não padronizado
- Beta - Coeficiente de regressão padronizada
- DP - Desvio padrão
- EMBU-P - Escala Egna Minnen Bertraffande Uppfostan – Parents
version
- KIDSCREEN-10 - Health-Related Quality of Life Questionnaire for Children and
Young People
- M - Média
- n - Dimensão da amostra
- n.s - Não significativo
- NEE - Necessidades educativas especiais
- OMS - Organização Mundial de Saúde
- QV - Qualidade de vida
- SPSS - Statistical Package for the Social Sciences
- t - Teste *t*

Introdução

A medida que foi realizada a pesquisa bibliográfica foi-se percebendo quais os subtemas indispensáveis que sustentavam o corpo desta investigação, focando inicialmente na família e na parentalidade. Partiu-se do conceito de família, dando destaque às ideias Lévi-Strauss (1972), que define-a como sendo um grupo social resultado do casamento, constituído por marido, esposa e pelos filhos (as) provenientes da sua união, caracterizada a partir de três tipos de relações: aliança entre o casal, filiação e consanguinidade. Não menos importante, é fundamental perceber-se a dinâmica da família enquanto sistema, que acaba por ser um todo mas também parte de outros sistemas com os quais co-evolui, como por exemplo, a sociedade (Costa, 2004).

Relativamente à parentalidade, importa estar presente o facto de que a parentalidade não se restringe somente à gestação e ao nascimento de um filho (Stern, 1997), existindo portanto a necessidade de se fazer a ponte entre a parentalidade e a influência dos modelos parentais no desenvolvimento da criança, onde são apresentados os estilos parentais e destacado o Modelo Integrativo de Darling e Steinberg que serve de base para esta investigação.

Relativamente à qualidade de vida da criança/adolescente, apesar ser um termo muito debatido e estudado, ainda nos dias de hoje continua a ser complexo, contudo existiu a preocupação de mostrar tanto a ideia concebida pela OMS (World Health Organization.,2018) de que define qualidade de vida como a saúde física, estado psicológico, o nível de independência, as relações sociais e as relações do indivíduo com o contexto em que está inserido, como a de outros autores teóricos que lançaram as suas ideias posteriormente e dão uma visão mais atual alicerçando novos termos, como por exemplo, a subjetividade e a multidimensionalidade (Seidl & Zannon, 2004).

Partindo sempre dentro da mesma lógica, do geral para o particular, existiu a preocupação de compreender-se especificamente o desafio que é comportar necessidades educativas especiais e, mais do que isso, compreender como os pais e parentes diretos da criança são afetados com por esta condição, com o intuito de se explorar a perceção dos pais sobre a qualidade de vida dos filhos com NEE.

Coincidindo com alguns objetivos delineados na presente investigação, os estudos de Pinto, Macedo e Dias (2013) procuravam explorar as características ou condições pessoais que influenciam a qualidade de vida dos pais de crianças e jovens com NEE e evidenciou-se que os pais sem filhos com necessidades especiais apresentam valores médios de qualidade de vida superior nas dimensões interação familiar, estilo parental, bem-estar emocional, bem-estar material e apoio nas dificuldades.

O principal motivo da escolha deste tema tem de ver essencialmente com a escassez de estudos, sentida ao longo da pesquisa bibliográfica, que abordassem especificamente a perceção dos pais sobre a qualidade de vida dos filhos com necessidades educativas especiais.

Em suma, o objetivo geral deste trabalho é de compreender e analisar a perceção dos pais acerca da qualidade de vida dos seus filhos com NEE. Os objetivos específicos desta investigação passam por verificar de que forma as variáveis sociodemográficas (idade, género, estado civil, situação económica, local de residência e escolaridade) dos pais influenciam os seus estilos parentais e a perceção da qualidade de vida que tem dos filhos; compreender a perceção dos pais acerca da qualidade de vida dos seus filhos com e sem necessidades educativas especiais e, por fim, propor um modelo explicativo da perceção dos pais acerca da qualidade de vida dos seus filhos, incluindo os estilos

parentais, as variáveis sociodemográficas e o estatuto das necessidades educativas especiais.

Quanto à estrutura do presente trabalho, está subdividido seis capítulos. O primeiro capítulo diz respeito ao enquadramento teórico onde são explorados os subtemas que dão corpo ao tema central, sendo eles, família, parentalidade, estilos parentais, modelo integrativo, qualidade de vida na infância e adolescência, necessidades educativas especiais e qualidade de vida e necessidades educativas especiais. O segundo capítulo corresponde aos objetivos da investigação, tanto a nível geral como específico. O terceiro capítulo diz respeito à metodologia, onde é apresentada detalhadamente a amostra, os instrumentos e os procedimentos utilizados. O seguinte e quarto capítulo, corresponde à apresentação dos resultados, onde estão expostos os principais resultados que sustentam esta investigação. O quinto capítulo faz a ponte entre o capítulo anterior e o enquadramento teórico sendo portanto um capítulo destinado à discussão dos resultados à luz dos principais teóricos. O último e sexto capítulo, corresponde à conclusão em que é realizada a recapitulação sintética dos resultados da investigação face aos objetivos propostos e são apresentadas as principais sugestões e limitações.

Enquadramento teórico

Família

Segundo Lévi-Strauss (1972) o termo “família” é utilizado para definir um grupo social resultado do casamento, constituído por marido, esposa e pelos filhos (as) provenientes da sua união, caracterizada a partir de três tipos de relações: aliança entre o casal, filiação e consanguinidade, enquanto que Minuchin (1982) defende que a família trata-se de um grupo social cujos membros estão em constante interação entre si e com o ambiente, constituído por crenças, valores e práticas ligadas às transformações da própria sociedade, com o intuito de assegurar a continuidade e o crescimento psicossocial dos seus membros.

A família, enquanto sistema, acaba por ser um todo mas também parte de outros sistemas, com os quais co-evolui (comunidade, sociedade). Por outras palavras, é um sistema auto-regulado cuja abertura é variável de acordo com a sua própria organização: ela possui um dinamismo próprio que lhe confere, para além da sua individualidade, a sua autonomia (Costa, 2004).

De acordo com Minuchin e Fishman (1990) existem quatro etapas para o ciclo vital da família, sendo elas formação do casal, família com filhos pequenos; família com filhos na escola ou adolescentes e família com filhos adultos.

As implicações mais significativas para o desenvolvimento da criança são fruto das interações estabelecidas no microsistema família, embora os outros sistemas sociais, tais como a escola ou clubes, também contribuam para o seu crescimento (Pereira-Silva & Dessen, 2003).

A Psicologia procura definir a família, diferenciando-a de outros grupos sociais, pelo facto de que os indivíduos que a compõem estarem ligados entre si através de laços

fortes, onde vigora o afeto e o compromisso e onde apenas se fica a fazer parte integrante desta através do nascimento, adoção ou casamento, e só se deixa de fazer parte com o falecimento (Macedo, 1994).

De acordo com Sigolo (2004) a família tem um papel preponderante na relação criança-sociedade, uma vez que a criança desenvolve relações não só com os seus progenitores, mas também com outros indivíduos significativos na sua vida (pais, irmãos, avós, amigos), podendo assim impulsionar o seu desenvolvimento nas mais distintas áreas, tal como Szymanski (2004) que defende igualmente que é na família que a criança começa a conhecer aquilo que são os “outros” e com eles começa a definir-se enquanto sujeito.

A funcionalidade de uma família depende das seguintes componentes: adaptabilidade e coesão. Assim sendo, a família deverá ser estruturada e flexível tendo a capacidade de lidar frequentemente com mudanças relacionadas com a sua estrutura, papéis e regras de relacionamento, bem como deverá haver uma ligação emocional positiva entre todos os membros (Olson 1986).

Segundo Macedo (1994), considera-se suficientemente estável a família que capacita um ambiente saudável em termos de impacto das relações mãe-criança, pai-criança e outras relações com outros significativos. Desta forma a criança encontrará na família o seu suporte, tanto a nível de subsistência como afetivo, o que a torna um lugar seguro para crescer.

Bronfenbrenner (1996) salienta três características que se estabelecem nas relações dentro da família: a reciprocidade, o equilíbrio de poder e o afeto. No que diz concerne à reciprocidade, normalmente um membro da família acaba por influenciar o outro, e vice-versa. Em relação ao poder, dentro de cada seio familiar existe sempre um

membro que é mais influente do que outro, porém essa condição tem que ser aceite e salutar para existir o designado equilíbrio de poder, como por exemplo, a presença de uma criança na díade criança-mãe, vai fazer com que a menor cresça com os ensinamentos que esta última lhe possa impulsionar e/ou fornecer, porém não pode ser esquecido o estatuto permanente de mãe dentro da relação. Em relação ao afeto, quanto mais positivas forem as relações de uma díade, maior a probabilidade de ocorrerem processos evolutivos de forma adaptada.

Atualmente tem-se vindo a assistir a transformações sociais nos núcleos familiares que potenciam insegurança e incerteza e conseqüentemente relações conjugais instáveis, sendo que o casamento passou a ter um papel menos central e o companheirismo tornou-se vigente (Silva & Chaveiro, 2009).

Os estudos de Imig (1983) defendem que a família é mais valorizada no contexto rural quando comparada ao contexto urbano, e vêm dar mais potencial ao fato consolidado por Straus (1960) de que as crenças tradicionais das comunidades rurais podem ser explicadas pela presença de fortes laços de sanguinidade.

Parentalidade

A parentalidade é um termo que passou a ser empregue recentemente, a partir dos anos 60, e que como o nome indica diz respeito à dimensão das relações dos pais com os filhos, ou seja, está intimamente relacionado com a qualidade parental.

Nas sociedades tradicionais as relações de aliança eram estabelecidas em função do património familiar, mas a partir do século XVIII, os laços entre casais e entre pais e filhos passou a ser priorizado e as alianças conjugais passam a ser estabelecidas com base no afeto (Zornig, 2010).

De acordo com Julien (2000), a construção familiar não depende somente da parentalidade, mas sim da ambição do casal em estabelecer uma relação íntima num espaço privado, porém quando o casal decide ter filhos, o espaço público toma esse espaço privado da conjugalidade e passam a ser planificadas relações de parentesco e novas responsabilidades dos pais em relação aos filhos.

Segundo Stern (1997), não se pode restringir a parentalidade à gestação e ao nascimento de um filho, tendo em conta que durante a infância/adolescência o ser humano tem brincadeiras que determinam a forma como este ambiciona ser pai/mãe.

A criação de laços entre os pais e a criança potencializa o seu desenvolvimento afetivo e cognitivo, mas, ao mesmo tempo, propicia aos pais o sentimento de serem "pais suficientemente bons" para o bebé (Zornig, 2010).

O modelo da família nuclear, composto por pai, mãe e filhos, tem sido privilegiado na conceção construída historicamente sobre o todo familiar – conceção prevalente que corresponde ao modelo de família tradicional burguesa, proveniente da união do casal por laços legais e legítimos. Segundo Szymanski (1994), nesse modelo, a mulher sempre ocupou um lugar fundamental, por meio do papel da maternidade, como um elemento fundamental para a sobrevivência da família, o que vai de encontro às ideias de Lamb (1975), que nos salienta que as teorias da psicologia acabaram por se ajustar ao tradicional conceito de um pai ausente e distante, sendo que lhe foi atribuído menor importância no que toca ao desenvolvimento infantil.

Ainda assente na mesma linha de pensamento, Volling, McElwain, Notaro e Herrera (2002) defendem que a sensibilidade materna é superior à paterna e, por sua vez, Parke e Buriel, (2006) comprovaram com o resultado dos seus estudos que são as mães que passam mais tempo com a criança/adolescente, ocupando um lugar de destaque em

termos temporais. Em contrapartida, apesar dos factos consumados anteriormente, existem pesquisas recentes que sustentam a ideia de que são os pais que fornecem à criança mais tempo lúdico, ou seja, mais tempo para a brincadeira (Pordata, 2014).

Até aos anos 50 o pai era considerado o único responsável pelo sustento da família, enquanto a mãe responsabilizava-se por todas as tarefas referentes ao lar. Devemos reconhecer que os pais desempenham muitos papéis, como por exemplo, sustento económico, modelo de tipificação sexual, acompanhamento moral e apoio emocional da mãe (Crepaldi et al., 2006; Lamb, 1975).

Com a entrada das mulheres no mercado de trabalho e com a sua participação no sistema financeiro da família, é notório perceber uma relativa divisão de tarefas, na qual pais e mães compartilham aspetos referentes às tarefas educativas dos filhos e à organização do dia-a-dia da família (Wagner et al., 2005).

Segundo Lindsey e Mize (2001), as interações da mãe com os filhos são dominadas pelos cuidados enquanto os pais se definem como “parceiros de jogo”, ou seja, o jogo é uma componente mais saliente da interação pai-criança, enquanto os cuidados são a componente mais saliente da interação mãe-criança, contudo, não podemos afirmar que os pais são menos capazes de cuidar da criança.

De acordo com Relvas (2000), criar e educar tratam-se de tarefas que têm que ser aprendidas e adaptadas à individualidade de cada filho e ao exercício da parentalidade, porém existe sempre a influência de diferentes contextos, tanto familiares como sociais, ou seja, por outras palavras, a importância de ser pai prende-se não só com dar uma resposta às necessidades dos filhos, como o desejo de corresponder positivamente às expectativas da família e/ou amigos.

Segundo Fielden e Gallagher (2008), a parentalidade positiva é definida como um comportamento parental focado no superior interesse da criança, tendo por base a supressão das suas necessidades básicas, através da proteção de riscos e do fornecimento de um ambiente seguro e estável que potencie o seu desenvolvimento e a sua autonomia, enquanto que para Lopes, Catarino e Dixe (2010) a parentalidade positiva trata-se do desenvolvimento de padrões de relacionamento saudáveis com os filhos, sendo o comportamento parental focado no melhor interesse da criança onde assegura a sua educação.

Segundo Almeida, Rocha e Fonseca (2016), a parentalidade positiva procura criar as condições necessárias para que as crianças possam desenvolver as suas capacidades, dentro ou fora da família, quer sejam emocionais, sociais, comunicativas, de autonomia e de resolução de problemas.

A parentalidade pode ser influenciada negativamente pela rotina, ou seja, à medida que os anos passam, existe a tendência das ações e atitudes parentais serem automatizadas, contudo estudos realizados constataam que tem vindo a existir uma crescente preocupação por parte dos pais para contrariarem essa disposição recorrendo cada vez mais a programas parentais (Pereira, Goes e Barros, 2015).

De acordo com o Council of Europe (2008), existem 12 princípios básicos que sustentam uma Parentalidade positiva, estando entre eles os seguintes: promover a igualdade de oportunidades de ambos os progenitores no exercício da parentalidade positiva; assegurar que os pais e as crianças sejam envolvidos na elaboração e aplicação das políticas e medidas que lhes são destinados; e reconhecer todas as crianças e todos os pais como titulares de direitos e sujeitos a obrigações.

Não menos importante, a entidade supramencionada deixa ainda algumas recomendações imprescindíveis ao exercício da parentalidade positiva, como por exemplo, o compromisso (os pais devem comprometer-se a proporcionar cuidados e atenção regular às suas crianças); a disciplina assertiva (os pais devem educar as suas crianças aplicando uma disciplina compreensiva, sem qualquer tipo de violência, suprimindo os castigos corporais) e o ambiente emocional (os pais devem assegurar às suas crianças um ambiente de apreço e reconhecimento).

Estilos Parentais

A partir de meados de 1930, começou a existir uma grande importância em torno de questões voltadas para a melhor forma de educar um filho e sobretudo com a influência dos modelos parentais no desenvolvimento da criança.

Existem três aspetos essenciais que devemos ter em conta no que concerne à forma de entendermos como os estilos parentais influenciam o desenvolvimento da criança, sendo eles, objetivos de socialização, práticas parentais e o clima emocional vivido na socialização. É essencial ter em conta que, os estilos parentais representam o “*conjunto de atitudes que são comunicadas à criança e que, todas juntas, criam um clima emocional, no qual os pais atuam de determinada forma*”; e as práticas parentais dizem respeito aos “*comportamentos, com objetivos específicos, através dos quais os pais expressam os seus deveres parentais*” (Darling & Steinberg, 1993, p. 488). Em suma, o comportamento (prática parental) é influenciado pelas atitudes (avaliação dos estilos parentais) que lhes estão implícitas, ou seja, os estilos parentais acabam por ser independentes de qualquer circunstância de socialização, enquanto que as práticas parentais são variáveis tendo em conta a situação.

De acordo com Musitu e Garcia (2004), as práticas parentais são processos de aprendizagem com cariz informal e inconsciente em que por meio da existência de processos interativos a criança assimila dados úteis para a sua própria construção - conhecimentos, atitudes, valores, necessidades, padrões culturais, sentimentos, entre outros.

Estudos mais recentes têm indicado que o bem-estar emocional das mães/pais é um elemento chave das práticas parentais em relação às crianças e tem implicações significativas sobre o próprio desenvolvimento infantil (Ribas, Junior e Valente, 2006).

As investigações pioneiras realizadas por Baumrind (1966) deram um contributo importante no que diz respeito à análise e à descrição dos estilos parentais, essencialmente quanto ao comportamento parental associado a cada um, que se acredita ser decisivo no processo de desenvolvimento das crianças. A autora partiu do cruzamento de diferentes dimensões- afeto, controlo parental, comunicação e exigência de maturidade- através da observação de criança desde a idade pré-escolar até à adolescência. Assim, como resultado dos seus estudos, resultaram três estilos parentais distintos, nomeadamente, o estilo democrático (autoritativo), o autoritário e o permissivo.

Os pais do estilo parental **autoritativo**, igualmente conhecidos como democráticos, são aqueles que tentam direcionar as atividades dos seus filhos de maneira racional e orientada, incentivando o diálogo e a autonomia/individualidade dos mesmos. Partilham com a criança as suas crenças em relação àquilo que pensam quando esta discorda de algo, contudo demonstram a sua perspetiva de adulto, mas não a restringirem. Adotando esse estilo parental, os pais transmitem aos menores que estes últimos são livres de ter as suas formas de ver o mundo, podendo ser divergente da dos primeiros. Dão importância sobretudo à obediência, não baseando as suas decisões no desejo da criança,

mas também à autonomia, criando um ambiente balanceado e saudável entre o controle firme e a afetividade (Baumrind, 1966). De acordo com Maccoby e Martin (1983) esse estilo parental origina filhos com melhores valores de ajustamento psicológico e comportamental, detentores de uma maior confiança e competência nas suas capacidades e que, por sua vez, têm menos problemáticas, enquanto que Darling e Steinberg (1993) defendem que esse estilo tem uma grande importância relativamente ao êxito da parentalidade, uma vez que altera as características dos filhos, facilitando o fortalecimento das capacidades dos pais como agentes de socialização.

Os pais ditos de **autoritários**, modelam, controlam e avaliam a criança de acordo com normas pré-definidas por eles mesmos, valorizando tudo o que diz respeito à obediência, tradição, trabalho e autoridade, sendo a favor de medidas altamente punitivas cada vez que a criança faz algo de errado, tendo em conta a perspectiva dos pais. Caracterizam-se por ser pais que fomentam a troca de opiniões, uma vez que acreditam que somente a sua palavra é que esta certa (Baumrind, 1966). Dadas as características supramencionadas, os pais devem sobretudo demonstrar pouca afetividade com a criança e, conseqüentemente, desmotiva-la à própria independência e autonomia.

Os pais enquadrados no estilo **permissivo**, como o nome indica, raramente exercem controle sobre os seus filhos, ou seja, é muito vincada a ausência de normas e regras. Não se apresentam à criança como modelos ou agentes que podiam direcionar o seu comportamento, mas sim apenas como um recurso para realizar os seus desejos. Existe uma elevada tolerância e aceitação dos impulsos da criança, porém a criança acaba por ser sujeita a pouca estimulação, o que pode originar problemas na sua aprendizagem. Os baixos níveis de exigência que vigoram neste estilo parental criam falta de autocontrole e de autoconfiança, levando os seus filhos a sentir que são excessivamente

livres (Baumrind, 1966). O estilo permissivo subdivide-se em duas tipologias: indulgente e negligente. No primeiro, os pais dão ênfase aos pedidos dos filhos, sem definição vincada de normas ou deveres, enquanto que no segundo não exigem responsabilidade aos filhos, mas também não encorajam a sua independência (Weber et al., 2003).

Os estudos de Russell, Aloa, Feder, Glover, Miller e Palmer (1998) comprovaram que as mães têm resultados mais elevados no que diz respeito ao padrão autoritativo e os pais no autoritário e permissivo.

Bronfenbrenner (1996) defende que os pais de classe social baixa utilizavam mais a coerção bem como as técnicas de afirmação de poder, sendo classificados predominantemente como autoritários, enquanto que os pais que pertencem a uma classe social média/alta são mais ligados aos estados internos das crianças e à componente afetiva.

Modelo Integrativo de Darling e Steinberg

De acordo com a figura 1, podemos observar o Modelo Integrativo de Darling e Steinberg (Darling & Steinberg, 1993) que vem explicar a importância dos estilos parentais e das práticas parentais no desenvolvimento da criança.

O modelo defende que os estilos parentais e as práticas parentais resultam diretamente de objetivos e valores dos pais (vetor 1 e 2). Através desses dois atributos parentais supramencionados, os pais atuam como agentes de socialização relativamente aos seus filhos, por exemplo, através de competências académicas das crianças, pensamento crítico e capacidade para experienciar emoções (vetor 3 e 5). Por conseguinte, o processo de socialização irá influenciar o processo de desenvolvimento da criança (vetor 6). Os estilos parentais influenciam intimamente as práticas parentais (vetor

4), visto que as práticas representam alguns comportamentos a partir dos quais as crianças deduzem as atitudes emocionais dos seus pais.

Concluindo, este diagrama vem reforçar novamente a ideia de que os estilos parentais estão sempre presentes nas atitudes dos pais, influenciando todo o processo de desenvolvimento da criança/jovem e as práticas parentais vão variar de situação para situação.

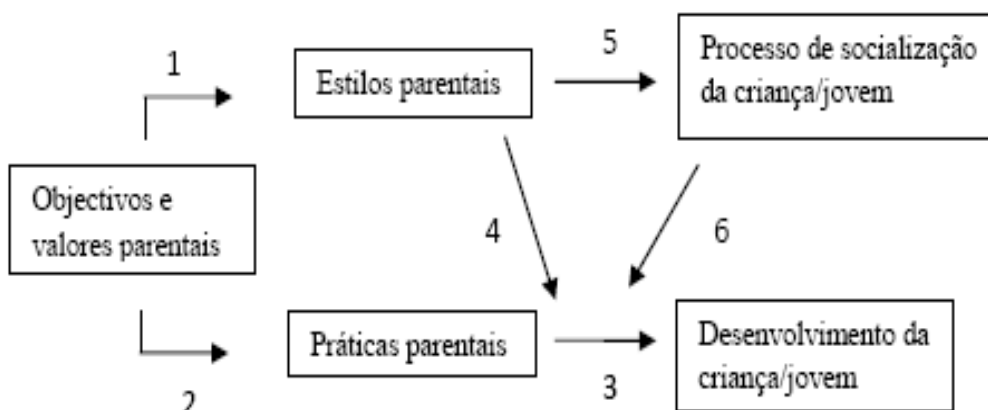


Figura 1 - Modelo Integrativo de Darling e Steinberg (1993)

Qualidade de Vida na Infância e Adolescência

A qualidade de vida apesar de muito debatida e estudada, ainda nos dias de hoje continua a ser um conceito complexo e que difere consoante a época, a cultura e mesmo o próprio sujeito, que muitas das vezes gera desconsenso em torno das ideias de diferentes autores (Leal, 2008)

Na mesma linha de pensamento, Wallander e Schmitt (2001) defendem que a qualidade de vida é a união entre a percepção de bem-estar objetivo e subjetivo em diversos domínios da vida, considerados importantes numa dada cultura e num dado tempo, considerando os valores universais dos direitos humanos.

A definição de qualidade de vida mais mencionada é a declarada pela Organização Mundial de Saúde (2018) que define qualidade de vida como a saúde física, estado

psicológico, o nível de independência, as relações sociais e as relações do indivíduo com o contexto em que está inserido.

O termo qualidade de vida surge atualmente interligado a dois outros conceitos, sendo eles a subjetividade e a multidimensionalidade. No que diz respeito à subjetividade, tem que ver com cada pessoa ter a sua forma de avaliar a situação pessoal, em relação ao seu estado de saúde e a outras dimensões relacionadas com a qualidade de vida, tendo em conta que cada sujeito é um ser singular. Por sua vez, o termo multidimensionalidade diz respeito às várias dimensões que compõem a qualidade de vida- física, psicológica, social e ambiental (Seidl & Zannon, 2004).

Na avaliação do bem-estar da criança e do adolescente, torna-se essencial ter em conta a experiência subjetiva em vez das condições de vida, tendo em conta que a relação entre as condições objetivas e o estado psicossocial é imperfeita e que, para conhecer a experiência da qualidade de vida é necessário o recurso direto à descrição do próprio indivíduo sobre o que sente pela sua vida (Ribeiro, 2003).

A saúde é um componente fundamental da vida humana, apropriado para fornecer ao sujeito um estado de bem-estar, com o intuito de lhe dar um desempenho e equilíbrio satisfatórios em diversas dimensões, sejam elas a nível psicológico, físico e social (Nunes & Rego 2002).

O bem-estar da criança pode ser analisado em três domínios- físico, social-emocional e cognitivo. O bem-estar físico está intimamente relacionado com a saúde e segurança da criança, sendo que a família deverá ter um papel significativo na obtenção precoce de comportamentos salutareos. O bem-estar social-emocional depende da capacidade de adaptação às situações e das competências interpessoais estando associada a sentimentos positivos. O ambiente em que a criança se desenvolve é importante para o

desenvolvimento das suas competências sócio – emocionais, podendo ser estimulada a desenvolver estratégias para resolução de problemas. Por fim, o bem-estar cognitivo da criança depende da capacidade de assimilação da informação e do desenvolvimento de competências comunicacionais, sendo que estas competências serão essenciais para o seu desenvolvimento em diversas áreas (Zaff, Smith et al., 2003).

Klaus e Kennell (2000) postularam que a componente afetiva dos pais é um vetor determinante da qualidade dos cuidados e da interação que proporcionam à criança.

As perceções de crianças e adolescentes são influenciadas por diversos fatores, sendo eles, características suas e da sua família, o estatuto socioeconómico, estilo parental, *stress* parental e acontecimentos de vida. Todavia, são associados a problemas de comportamento na criança os seguintes elementos: desvantagem socioeconómica, isolamento social, condições de vida pobres, famílias monoparentais, violência e conflitos interpessoais entre membros da família, psicopatologia dos pais, elevados níveis de *stress* e falta de suporte social (Caldera & Hart, 2004).

De acordo com estudos realizados por Saha, Huebner e Suldo (2009) os adolescentes revelam ter níveis de satisfação superiores aos relatados pelos adultos sendo que estes níveis não se relacionam intimamente com o género, raça ou estatuto socioeconómico do adolescente.

A criança e o adolescente desenvolvem-se no seio de um contexto familiar e são influenciados pelas características das pessoas significativas desse contexto, especialmente por características dos seus pais (Gaspar et al., 2006).

De acordo com a literatura, a ausência do pai ou uma relação pai-filho(a) insensível afetam em muito o desenvolvimento socio-emocional da criança (Grossmann, Grossmann, & Kindler, 2005).

Lamb (2012) defende que o género dos pais não é uma variável crítica no bem-estar dos filhos, tendo em conta que a qualidade das relações entre pais e filhos e entre os próprios pais e adultos significativos na vida dos menores consegue atingir um papel mais decisivo.

O género da criança/adolescente tem demonstrado ser um fator importante na sua própria percepção de qualidade de vida, sendo que, o sexo feminino revela maiores níveis de satisfação no que diz respeito à escola, amigos e auto estima quando em comparação com os rapazes (Huebner et al. 2004).

De acordo com Saha, Huebner & Suldo (2009) a percepção que o adolescente tem da qualidade da relação entre este e os pais está diretamente relacionada com a percepção que o adolescente tem da sua qualidade de vida, ou seja, se a relação entre o adolescente e os pais for positiva, assim será a sua percepção sobre a sua vida.

A relação com os pares é especialmente importante durante a infância e a adolescência, contribuindo para o ajustamento psicossocial da criança (escolar, saúde psicológica -solidão/isolamento e problemas de comportamento) pois estabelece-se uma relação clara entre aceitação, por parte dos pares, e ajustamento psicossocial (Bagwell et al., 2001).

As crianças e adolescentes com um estatuto baixo socioeconómico apresentam um maior risco de doenças físicas, *stress* familiar, suporte social insuficiente e depressão parental (Masten, 2001).

O divórcio é frequentemente descrito como uma ocorrência que se associa a alterações na qualidade da relação dos pais com a criança e a dificuldades de ajustamento, onde se inserem alterações no comportamento parental e na qualidade da vinculação. Os estudos que comparam diferentes estruturas familiares (famílias nucleares,

monoparentais e reconstituídas) descrevem que os filhos de famílias nucleares, beneficiam de um comportamento parental de maior qualidade e melhores resultados desenvolvimentais (Borsa & Nunes, 2011).

Parentalidade e Necessidades Educativas Especiais (NEE)

De acordo com o **Artigo 74º da Constituição da República Portuguesa** de 2 de Abril de 1976 *“Todos têm direito ao ensino com garantia do direito à igualdade de oportunidades de acesso e êxito escolar.”*

É considerado que uma criança tem NEE se necessitar de recursos educativos particulares, devido a apresentar determinadas condições específicas, sejam elas temporárias ou permanentes, durante todo ou parte do seu percurso escolar, de forma a auxiliar o seu desenvolvimento, seja académico, pessoal, social ou emocional. É importante que todas as crianças tenham acesso a uma educação que respeite as suas necessidades e características (Correia, 2004).

Geralmente, as famílias cujas crianças têm necessidades educativas especiais combatem circunstâncias difíceis que os outros pais nunca pensariam, tendo em conta que a problemática do filho pode ter uma grande influência tanto na família como nas suas próprias interações. Contudo, a condição da criança poderá levar a dois caminhos distintos, a um fortalecimento das relações que compõem a família ou a um distanciamento familiar, uma vez que a vida de cada um dos seus membros sofre alterações (Costa, 2004).

De acordo com os estudos de Murphy (1982), a vinda de uma criança com NEE pode originar problemas na relação dos progenitores, visto o nascimento da criança ter coincido com um elevado número de divórcios e sobretudo uma grande desarmonia

familiar, contudo outros autores defendem o oposto, propondo que a existência de uma criança com NEE pode ter um efeito revigorante na vida do casal (Pereira, 1998).

De acordo com Powell e Ogle (1991), o processo de adaptação e aceitação da criança “diferente” é longo e difícil em famílias mais vulneráveis, enquanto que é relativamente fácil nas famílias mais unidas.

Partindo do princípio que a família é quem passa mais tempo com a criança com NEE, tem mais oportunidade de poder influenciar o seu bem-estar e o seu desenvolvimento. É essencial que os pais se envolvam nos assuntos escolares e deste modo possam melhorar a sua própria participação na escolarização dos seus filhos (Sarmiento & Freire, 2011).

É sabido que as famílias passam por crises nos diferentes períodos de transição da sua vida, como por exemplo, entrada do filho na escola, contudo segundo Mackeith (1973 citado por Costa, 2004), existem quatro períodos distintos pelos quais os pais e os próprios portadores da condição passam. O primeiro período diz respeito ao momento em que o progenitor tem de se mentalizar que tem um filho “diferente”; o segundo diz respeito ao momento em que tem que ser proporcionada uma educação própria à criança com NEE e têm que ser contempladas todas as possibilidades escolares que possam auxiliar a criança; o terceiro momento está intimamente relacionado com a saída da criança do mundo escolar e com o ter que aprender a lidar com frustrações e adversidades pessoais como todos os adolescentes; e o último período diz respeito ao momento em que os pais deixam de poder ter um papel tão ativo na vida do filho por razões de cariz natural (por exemplo, envelhecimento dos pais) e deixam de poder continuar a cuidar e a responsabilizarem-se por este.

Já para Turnbull, Summers e Brotherson (1986), as maiores preocupações que assolam as famílias com filhos com NEE, tem que ver precisamente com receber um diagnóstico preciso e informar os irmãos e os restantes familiares da existência.

A escassez de informação sobre esse tipo de condição é das lacunas que tem sido apontada em várias pesquisas como sendo a mais difícil de colmatar. Geralmente, essa precariedade leva a uma insegurança sentida por parte dos pais em lidar com a nova situação (Feldman, 1994). Outro indicador pertinente, está relacionado com as queixas que os progenitores fazem devido à falta de sensibilidade que a equipa profissional demonstra aquando da divulgação do diagnóstico (Marchese, 2002).

Segundo os estudos realizados por Pereira (1998), os progenitores que estão menos preparados para receber na família uma criança com NEE, consequência da falta de experiência de vida e do elevado *stress*, são os que apresentam uma faixa etária mais baixa. Dentro da mesma linha de pensamento, Frude (1991) defende que o nível de *stress* dos pais parece influenciar significativamente o tipo de diagnóstico da criança, uma vez que altos níveis de *stress* levam a que consequentemente haja níveis mais baixos de progresso, comprometimento em certas habilidades e até problemas temperamentais e sociais. O autor comparou o nível de *stress* existente em famílias distintas- com crianças autistas, com Síndrome de Down e com problemas psiquiátricos. Concluiu-se que os pais com crianças autistas são os que apresentam níveis mais elevados.

As famílias com maior número de elementos são geralmente as que comportam maiores valores de *stress* e os filhos mais velhos são quem geralmente apresentam maiores dificuldades escolares (Davies et al., 1989).

Por sua vez, a situação socioeconómica também influencia o nível de *stress* das famílias, tendo em conta que famílias de classes mais empobrecidas são expostas a mais

situações de *stress* e conseqüentemente isso proporciona a que exista menos interação entre pais-filhos (Rosenberg, 1979).

Importa salientar que, na maioria dos casos, famílias onde estão presentes as NEE são necessárias despesas extras para ajudar a criança a superar as suas dificuldades escolares (Marchese, 2002).

A inclusão de alunos com esta condição no ensino regular implica a adaptação da escola à diversidade das crianças que a frequentam, ou seja, segundo Hegarty (2001) é necessária uma reestruturação escolar a nível global para que esta possa oferecer uma educação adequada a estes alunos. Na mesma linha de pensamento, é importante que as crianças com NEE possam fazer parte de uma “escola inclusiva”, que de acordo com Oliveira (2004) deverá ter por base um processo educativo que permite o direito à escolarização o aproximado possível do normal. O objetivo desta escola é alcançar a integração da criança com deficiência na comunidade.

De acordo com Naylor e Prescott (2004), os grupos de apoio para familiares da criança com NEE têm sido apontados como benéficos, sendo vários os pontos de evolução a destacar: mais consciência de si próprios e da criança em causa; maior compreensão das questões referentes à condição gerando níveis mais elevados de autoestima e altruísmo; e maior interação social e qualidade de vida devido à partilha de experiências entre famílias em situação semelhante.

Qualidade de Vida e Necessidades Educativas Especiais (NEE)

Como já foi abordado no subcapítulo anterior, o ajustamento a um filho com NEE é um grande desafio, seja devido a falta de redes de apoio, necessidades financeiras, estigma social, entre outros (Barnett, Clements, Kaplan-Estrin e Fialka, 2003).

Numa investigação levada a cabo por Pinto, Macedo e Dias (2013) em que foi pretendido explorar as características ou condições pessoais que influenciam a qualidade de vida dos pais de crianças e jovens com NEE, comprovou-se os pais sem filhos com necessidades especiais apresentam valores médios de qualidade de vida superior em todas as dimensões consideradas, sendo elas interação familiar, estilo parental, bem-estar emocional, bem-estar material e apoio nas dificuldades. Contudo, o tamanho do efeito pode ser considerado médio no apoio nas dificuldades, interação familiar e estilo parental, mas é elevado no bem-estar emocional e material.

Ainda dentro do mesmo estudo, não foram encontradas relações estatisticamente significativas no nível da qualidade de vida em função da idade ou da escolaridade da criança ou do jovem com NEE.

Objectivos

Esta investigação pretende estudar a perceção dos pais acerca da qualidade de vida dos seus filhos e a perceção dos próprios estilos parentais: suporte emocional, rejeição e tentativa de controlo. Assim sendo, pretende-se caracterizar e compreender de que forma as variáveis supramencionadas são influenciadas por múltiplos fatores, como por exemplo, sociodemográficos (idade, género, situação atual de vida, estado civil, local de residência e escolaridade) ou influenciadas pelo estatuto de se ser progenitor de uma criança com NEE.

Deste modo, o objetivo geral desta investigação prende-se com o estudo da qualidade de vida percecionada pelos pais tendo em conta os estilos parentais. E como objetivos específicos pretende-se:

- 1) Verificar se o género dos pais influencia os seus estilos parentais e a perceção da qualidade de vida;
- 2) Analisar se a idade dos pais influencia os seus estilos parentais e a perceção da qualidade de vida;
- 3) Verificar se a situação atual dos pais (empregado/desempregado) influencia os seus estilos parentais e a perceção da qualidade de vida;
- 4) Analisar se o estado civil dos pais influencia os seus estilos parentais e a perceção da qualidade de vida;
- 5) Verificar se o local de residência dos pais influencia os seus estilos parentais e a perceção da qualidade de vida;
- 6) Verificar se a escolaridade dos pais influencia os seus estilos parentais e a perceção da qualidade de vida;

7) Compreender a percepção dos pais acerca da qualidade de vida dos seus filhos com e sem necessidades educativas especiais;

8) Propor um modelo explicativo da percepção dos pais acerca da qualidade de vida dos seus filhos, incluindo os estilos parentais, as variáveis sociodemográficas e o estatuto das necessidades educativas especiais.

Após realizada uma revisão de literatura acerca das principais temáticas que elaboram este projeto, verificou-se que existe escassez de estudos que incidam acerca da qualidade de vida de crianças com NEE e sobretudo acerca desta quando percecionada pelos pais das próprias, sendo este o motivo primordial do arranque e do delineamento desta investigação.

Metodologia

Participantes

Dados os objetivos delineados inicialmente, preferiu-se utilizar uma abordagem quantitativa. Assim sendo, para este estudo foram selecionados participantes através do método de amostragem não probabilística, por conveniência. Os locais selecionados para tal recolha de dados trataram-se essencialmente de escolas e colégios, visto ser um local onde se encontravam mais facilmente progenitores de crianças e jovens com idades compreendidas dentro da faixa etária pretendida.

Fizeram parte integrante da investigação 855 mães e 241 pais, com filhos com idades entre os 6 e os 16 anos de idade, obtendo um total de 1096 pais ($M=41,65$ e $DP=5,92$). A escolha dos participantes obedeceu aos seguintes critérios de inclusão: (a) ser progenitor/progenitora e (b) ter um filho/a com idade entre os 6 e os 16 anos de idade.

Relativamente aos valores descritivos da amostra, cerca de 54 % dos pais/mãe têm até à escolaridade obrigatória, enquanto os restantes comportam uma formação superior. Dos 1096 pais/mães, 30 % indicam ter 1 filhos, 55 % indica ter 2 filhos e 14% indicam ter 3 ou mais. Mais de metade dos progenitores indicam viver em união de facto ou ser casados (79,9%). A grande maioria encontram-se empregados (92%), sendo que 73% deles dizem trabalhar por conta de outrem.

No que diz respeito às NEE, 933 pais/mães responderam à questão de “*o seu filho/a tem alguma necessidade educativa especial ou doença que afete o seu dia-a-dia?*”, sendo que 263 deles indicaram uma resposta positiva e os restantes uma resposta negativa.

Instrumentos

A presente investigação foi analisada através de uma metodologia quantitativa, tendo em conta que o objetivo principal é estudar a perceção dos pais acerca da qualidade de vida dos pais dos filhos, incluindo os estilos parentais (suporte emocional, rejeição e tentativa de controlo), variáveis sociodemográficas e o estatuto das necessidades educativas especiais). Assim sendo, esse tipo de metodologia permitirá explorar o comportamento das variáveis supramencionadas e a sua influência, quando comparadas com outras que são maioritariamente de índole sociodemográfica, com a finalidade de alcançar os objetivos delineados inicialmente.

Os instrumentos utilizados neste estudo foram dois questionários específicos que incluem perguntas sociodemográficas.

O primeiro instrumento, KIDSCREEN-10 (Anexo C), permitiu medir a qualidade de vida dos filhos percecionada pelos próprios, proposto por The KIDSCREEN Group Europe (2006) e validado para a população portuguesa por Gaspar e seus colaboradores (2008). O instrumento supramencionado é uma versão reduzida do KIDSCREEN- 52, que deriva da versão KIDSCREEN-27©, do qual foram selecionados 10 itens, que constituem um instrumento unidimensional. Assim sendo, as áreas que pretende avaliar são saúde e atividade física; sentimentos; estado de humor geral; sobre si próprio; tempo livre; família, ambiente familiar e vizinhança; questões económicas; amigos; ambiente escolar e aprendizagem; e provocação. No que diz respeito à cotação obtida no instrumento, importa perceber que um valor baixo neste instrumento sugere a existência de sentimentos de infelicidade, insatisfação e desadequação aos principais contextos da vida dos filhos, nomeadamente, seio familiar, âmbito escolar e grupo de pares, por sua vez um valor elevado sugere, em contrapartida, sensações de felicidade, perceção de

adequação e contentamento com os principais grupos onde está inserido. (Gaspar et al., 2008).

Os valores da consistência interna (α de Cronbach) das dimensões do KIDSCREEN variam entre 0,60 (Auto-percepção) e 0,88 (Questões Económicas), com valor global médio de 0,80 o que confirma a elevada consistência interna da escala. As crianças e adolescentes referem uma melhor percepção da qualidade de vida relacionada com a saúde nas dimensões “Bem-estar Psicológico” e “Família e Ambiente Familiar” ($\geq 80,00$). A dimensão “Ambiente Escolar e Aprendizagem” é a que apresenta valores inferiores na percepção da qualidade de vida relacionada com a saúde (Gaspar et al., 2008).

O segundo instrumento, EMBU-P (Anexo D), é a versão portuguesa da escala Eigna Minnen Beträffande Uppfostran - Parents version, tendo sido criada por Castro, Pablo, Gómez, Arrindell, & Toro (1997), contudo, foi validada para a população portuguesa por Canavarro e Pereira (2007). O questionário é constituído no total por 42 questões, sendo estas repartidas por três dimensões principais (suporte emocional, rejeição e tentativa de controlo), tendo como principal objetivo avaliar os estudos parentais mediante a própria percepção dos progenitores. De acordo com a seguinte fonte, Relações, Desenvolvimento & Saúde. (2016), a dimensão suporte emocional é formada por 14 itens que traduzem a expressão verbal e física de suporte afetivo por parte dos pais, a aceitação parental e a disponibilidade física e psicológica dos pais. A dimensão rejeição é composta por 17 itens que manifestam hostilidade/agressão verbal e física e a não-aceitação do menor. E, por sua vez, a dimensão tentativa de controlo é constituída por 11 itens que descrevem intenções e ações dos pais que visam controlar o comportamento dos filhos, manifestações de exigência em relação aos menores, bem como preocupações com o bem-estar dos mesmos. Em suma, os itens supramencionados

são avaliados numa escala de Likert, com quatro possibilidades de resposta: 1- “não, nunca”; 2- “sim, às vezes”; 3- “sim, frequentemente”; 4: “sim, sempre”.

O instrumento EMBU-P revelou valores adequados de consistência interna, sendo que o α de Cronbach para a dimensão Suporte Emocional foi de 0.88; para a dimensão Rejeição foi de 0.80 e para a dimensão Tentativa de Controlo foi de 0.68 (Canavarro e Pereira (2007)

Procedimentos

O presente estudo é parte integrante de uma investigação mais vasta coordenada e desenvolvida por investigadores do CLISSIS (Centro Lusíada de Investigação em Serviço Social e Intervenção Social). Importa ressaltar que, o estudo tem a autorização do MIME (monitorização de inquiridos em meio escolar), naturalmente, preservando a autonomia das escolas/agrupamentos, e tem parecer favorável da comissão Nacional de Proteção de Dados.

Por conseguinte, foram contactadas diversas escolas onde a tipologia de ensino era variável, tanto privada como pública, com o intuito de ser-lhes apresentado o estudo e contribuírem com a sua máxima colaboração (Anexo A). Após a aceitação de alguns agrupamentos em tornar-se parte integrante da investigação, foram agendadas reuniões com os diretores de turma de forma a delinear a condução do estudo, bem como a deixar ao seu cuidado os questionários para posteriormente serem preenchidos pelos pais e os respetivos filhos e recolhidos pela investigadora. Não menos importante, em alguns casos de necessidade, foram imitadas cartas de autorização de participação no estudo para os menores (Anexo B).

Para garantir o anonimato e a confidencialidade os instrumentos foram numerados e emparelhados - questionário pais e filhos com o mesmo número. Não menos importante,

importa ressaltar que tanto o KIDSCREEN-10, como o EMBU-P são de auto-preenchimento e de carácter voluntário.

Depois de recolhidos os questionários, os dados foram inseridos numa base de dados, que fora previamente construída e disponibilizada pela coordenadora do estudo. Seguidamente, ainda nesta etapa, procedeu-se à análise dos dados através do programa estatístico SPSS 23 (*Statistical Package for the Social Sciences*) estando os respetivos resultados disponíveis no próximo capítulo

Apresentação dos Resultados

Neste capítulo serão apresentados todos os resultados obtidos neste estudo, sendo eles provenientes da recolha dos dados e conseqüentemente do tratamento estatístico.

Análise de Variância (ANOVA)

Tabela 1 - *Diferenças de médias entre estilos parentais e género dos pais*

Dimensões	Feminino		Masculino		F
	M	DP	M	DP	
Suporte emocional	3,41	0,35	3,18	0,43	65,96***
Rejeição	1,62	0,25	1,61	0,27	0,15 (n.s)
Tentativa de controlo	2,61	0,38	2,56	0,37	2,18 (n.s)

Nota: *** $p < 0,001$; ** $p < 0,01$; * $p < 0,05$.

Na Tabela 1 observa-se que, nas dimensões que avaliam os estilos parentais, sendo elas, o suporte emocional, a rejeição e a tentativa de controlo, apenas a primeira é que regista diferenças estatisticamente significativas entre os grupos ($F = 65,96$; $p = 0,000$). Assim sendo, na dimensão do suporte emocional, a média de respostas dos participantes femininos é superior à do género masculino, encontrando-se nos 3,41, considerando-se que existe um maior suporte dado aos filhos por parte das mães comparativamente aos pais. Nas dimensões rejeição e tentativa de controlo não se verificam diferenças estatisticamente significativas entre os grupos.

Tabela 2 - *Diferenças de médias entre qualidade de vida e género dos pais*

Dimensão	Feminino		Masculino		F
	M	DP	M	DP	
Qualidade de vida	3,93	0,53	3,99	0,54	2,26 (n.s)

Nota: *** $p < 0,001$; ** $p < 0,01$; * $p < 0,05$.

De acordo com a tabela 2, não existem diferenças significativas entre os grupos (feminino/masculino) no que diz respeito à qualidade de vida dos filhos.

Tabela 3 - *Diferenças de médias entre os estilos parentais e a idade dos pais*

Dimensões	Até aos 35 anos		36-45 anos		46 ou mais anos		F
	M	DP	M	DP	M	DP	
Suporte emocional	3,38	0,41	3,39	0,37	3,29	0,39	5,85**
Rejeição	1,69	0,29	1,60	0,24	1,63	0,27	5,50**
Tentativa de controlo	2,74	0,37	2,59	0,38	2,54	0,37	0,00***

Nota: *** $p < 0,001$; ** $p < 0,01$; * $p < 0,05$.

Tendo por base os resultados obtidos na tabela supramencionada (Tabela 3), pode concluir-se que existem diferenças estatisticamente significativas entre os grupos nas diferentes dimensões: Suporte social [$F= 5,85$; $p=0,003$]; Rejeição [$F= 5,50$; $p=0,004$] e Tentativa de controlo [$F= 10,26$; $p=0,000$].

Os pais e mãe que tenham idades compreendidas entre os 36-45 anos são os que mais suporte emocional dão aos filhos, enquanto os pais que tenham 46 anos ou mais são os que menos dão suporte emocional aos filhos. Relativamente aos comportamentos de rejeição e de tentativa de controlo, fazem-se notar em maior escala nos pais e mães mais novos (até aos 35 anos).

Tabela 4 - *Diferenças de médias entre qualidade de vida e a idade dos pais*

Dimensão	Até aos 35 anos		36-45 anos		46 ou mais anos		F
	M	DP	M	DP	M	DP	
Qualidade de vida	4,02	0,50	3,95	0,51	3,88	0,56	0,16 (n.s)

Nota: *** $p < 0,001$; ** $p < 0,01$; * $p < 0,05$.

Os resultados da Tabela 4 indicam que não existem diferenças estatisticamente significativas entre os grupos na dimensão qualidade de vida dos filhos, ou seja, a perceção da qualidade de vida dos filhos não varia consoante a idade dos pais.

Tabela 5 - *Diferenças de médias entre os estilos parentais e a idade dos filhos*

Dimensões	6-9 anos		10-12 anos		13 ou mais anos		F
	M	DP	M	DP	M	DP	
Suporte emocional	3,43	0,31	3,34	0,36	3,26	0,44	11,51***
Rejeição	1,60	0,24	1,63	0,28	1,61	0,28	0,69 (n.s)
Tentativa de controlo	2,69	0,35	2,58	0,36	2,62	0,38	4,69**

Nota: *** $p < 0,001$; ** $p < 0,01$; * $p < 0,05$.

De acordo com a análise realizada entre os estilos parentais e a idade dos filhos (tabela 5), pode concluir-se que existem diferenças estatisticamente significativas entre os grupos na dimensão suporte emocional [$F= 11,51$; $p=0,000$] e na dimensão tentativa de controlo [$F= 10,26$; $p=0,009$].

Os filhos que tenham idades compreendidas entre os 6-9 anos contam com um maior suporte emocional e uma maior tentativa de controlo por parte dos seus progenitores, enquanto que a faixa etária dos filhos onde estão mais presentes os comportamentos de rejeição exercidos pelos seus pais é a dos 10-12 anos. Por sua vez, os filhos com idades compreendidas entre os 13 ou mais anos são os que menos têm suporte emocional; os dos 6-9 anos recebem menos comportamentos de rejeição por parte dos pais; e os dos 10-12 anos são os que menos recebem comportamentos de controlo por parte dos pais.

Tabela 6 - *Diferenças de médias entre perceção de qualidade de vida e a idade dos filhos*

Dimensões	6-9 anos		10-12 anos		13 ou mais anos		F
	M	DP	M	DP	M	DP	
Qualidade de vida	4,02	0,50	3,95	0,51	3,87	0,56	4,89**

Nota: *** $p < 0,001$; ** $p < 0,01$; * $p < 0,05$

No que diz respeito à perceção da qualidade de vida (tabela 6), existem diferenças estatisticamente significativas entre os grupos, ou seja, a dimensão varia em função da idade dos filhos [$F= 4,89$; $p=0,008$]. Os pais têm uma melhor perceção da qualidade dos filhos quando estes são mais novos (idades compreendidas entre os 6-9 anos), enquanto a faixa etária dos 10-12 anos é a que regista uma perceção menos real da qualidade de vida dos filhos.

Tabela 7 - *Diferenças de médias entre os estilos parentais e a situação de vida atual*

Dimensões	Empregado		Desempregado		F
	M	DP	M	DP	
Suporte emocional	3,36	0,38	3,37	0,35	0,07 (n.s)
Rejeição	1,62	0,25	1,63	0,31	0,22 (n.s)
Tentativa de controlo	2,59	0,38	2,69	0,41	4,41*

Nota: *** $p < 0,001$; ** $p < 0,01$; * $p < 0,05$

Na tabela 7, é visível que existem diferenças significativas entre grupos somente na dimensão tentativa de controlo [$F= 4,41$; $p=0,04$], enquanto que nas restantes dimensões o mesmo já não ocorre sendo os grupos mais homogéneos entre eles.

Os pais que se encontram numa situação de vida atual desempregados dão mais suporte emocional aos filhos (apesar de não ser uma discrepância significativa), contudo

são igualmente os que mais adotam comportamentos de tentativa de controlo. Apesar de existir uma maior homogeneidade entre os grupos no que diz respeito à rejeição, os pais desempregados são também os que mais incidem comportamentos de rejeição para com os seus filhos.

Tabela 8 - *Diferenças de médias entre a perceção da qualidade de vida dos filhos e a situação de vida atual*

Dimensões	Empregado		Desempregado		F
	M	DP	M	DP	
Qualidade de vida	3,93	0,53	4,07	0,50	3,99*

Nota: *** $p < 0,001$; ** $p < 0,01$; * $p < 0,05$

Tal como na relação estilos parentais e situação de vida atual, a variável desempregado conta com uma média de respostas dos participantes mais elevada quando comparada com a variável empregado, constatando-se que os pais desempregados têm uma maior perceção da qualidade de vida dos filhos [$F= 9,99$; $p=0,04$] (tabela 8).

Tabela 9 - *Diferenças de médias entre estilos parentais e o estado civil dos pais*

Dimensões	Solteiro		Uniãofacto/Casado		Separado/Divorciado		F
	M	DP	M	DP	M	DP	
Suporte emocional	3,38	0,39	3,37	0,38	3,34	0,36	0,31 (n.s)
Rejeição	1,59	0,30	1,62	0,26	1,60	0,24	0,87 (n.s)
Tentativa de controlo	2,71	0,44	2,59	0,38	2,55	0,36	3,37*

Nota: *** $p < 0,001$; ** $p < 0,01$; * $p < 0,05$

De acordo com a tabela 9, pode observar-se que não existem diferenças estatisticamente significativas entre os grupos nas dimensões suporte emocional e rejeição, contudo, os pais/mãe que se encontrem numa posição de separado/divorciado providenciam mais suporte emocional, enquanto que os pais solteiros são os que menos adotam comportamentos de rejeição, quando comparados com os restantes grupos. Contudo, no que diz respeito aos comportamentos de tentativa de controlo por parte dos progenitores, eles variam conforme o estado civil desses últimos, uma vez que são confirmadas diferenças estatisticamente significativas entre os grupos [$F= 3,37$; $p=0,04$]. Os pais/mães que sejam solteiros adotam mais comportamentos de tentativa de controlo comparativamente aos pais que se encontrem quer em união de facto/casado quer separado/divorciado. Contudo, o grupo que regista uma menor tentativa de controlo são os pais/mães que se encontrem numa situação de separados ou divorciados.

Tabela 10 - *Diferenças de médias entre qualidade de vida e o estado civil dos pais*

Dimensões	Solteiro		Uniãofacto/Casado		Separado/Divorciado		F
	M	DP	M	DP	M	DP	
Qualidade de vida	3,83	0,55	3,96	0,53	3,85	0,51	3,73*

Nota: *** $p < 0,001$; ** $p < 0,01$; * $p < 0,05$

Observando a tabela 10, constata-se que a perceção da qualidade de vida varia de acordo com o estado civil dos progenitores [$F= 3,73$; $p=0,02$]. Pais/mães que se encontrem em união de facto e/ou casadas têm uma melhor perceção da qualidade de vida dos seus filhos, enquanto que os solteiros têm uma perceção menos real dessa mesma dimensão.

Tabela 11 - *Diferenças de médias entre estilos parentais e o local de residência*

Dimensões	Rural		Urbano		F
	M	DP	M	DP	
Suporte emocional	3,32	0,41	3,41	0,34	11,92**
Rejeição	1,63	0,28	1,61	0,24	1,01 (n.s)
Tentativa de controlo	2,61	0,40	2,58	0,36	1,29 (n.s)

Nota: *** $p < 0,001$; ** $p < 0,01$; * $p < 0,05$

De acordo com a tabela 11, observa-se que o local de residência dos pais/mães influencia o suporte emocional que providenciam aos seus filhos, ou seja, existem diferenças estatisticamente significativas [$F= 11,92$; $p=0,001$]. Os pais/mães que vivam num meio mais urbano têm uma maior capacidade de dar suporte emocional, quando comparadas aos que vivam e meio rural. Por sua vez, não parecem existir diferenças entre quem mora no meio rural ou no meio urbano quando se avalia os comportamentos de rejeição e tentativa de controlo, uma vez que existe uma maior homogeneidade entre os grupos.

Tabela 12 - *Diferenças de médias entre qualidade de vida e o local de residência*

Dimensões	Rural		Urbano		F
	M	DP	M	DP	
Qualidade de vida	3,93	0,52	3,96	0,54	0,84 (n.s)

Nota: *** $p < 0,001$; ** $p < 0,01$; * $p < 0,05$

Relativamente à perceção da qualidade de vida, esta também não varia conforme o local de residência dos pais, ou seja, não se observam diferenças estatisticamente significativas entre os grupos (Tabela 12).

Tabela 13 - *Diferenças de médias entre estilos parentais e a escolaridade*

Dimensões	Até obrigatória		Formação sup.		F
	M	DP	M	DP	
Suporte emocional	3,32	0,39	3,42	0,35	17,00***
Rejeição	1,63	0,28	1,61	0,23	2,01 (n.s)
Tentativa de controlo	2,69	0,38	2,48	0,34	81,12***

Nota: *** $p < 0,001$; ** $p < 0,01$; * $p < 0,05$

Segundo a tabela 13, no que concerne à dimensão suporte social e tentativa de controlo, existem diferenças significativas entre os dois grupos avaliados: [F= 17,00; $p=0,000$] e [F= 81,12; $p=0,000$]. Analisando pormenorizadamente essas diferenças, pais/mães que tenham formação superior providenciam mais suporte social e têm menos comportamentos de tentativa de controlo para com os seus filhos quando comparados com os pais/mães que tenham somente até à escolaridade obrigatória. Apesar de não existirem diferenças entre os grupos quando avaliados os comportamentos de rejeição, os pais/mãe com formação superior registam um valor ligeiramente menos elevado quando comparados com os que tenham somente até a escolaridade obrigatória.

Tabela 14 - *Diferenças de médias entre qualidade de vida e a escolaridade*

Dimensões	Até obrigatória		Formação sup.		F
	M	DP	M	DP	
Qualidade de vida	3,94	0,53	3,94	0,51	0,00 (n.s)

Nota: *** $p < 0,001$; ** $p < 0,01$; * $p < 0,05$

Como se pode verificar na tabela 14, a perceção da qualidade de vida dos filhos não varia de acordo com a escolaridade dos pais, por outras palavras, os pais/mães com

formação superior não registam nem melhor nem pior perceção da qualidade de vida quando comparados com os pais/mães que tenham somente até à escolaridade obrigatória.

Tabela 15 - *Diferenças de médias entre as dimensões principais e ter/não ter NEE*

Dimensões	Sem NEE		Com NEE		F
	M	DP	M	DP	
Suporte emocional	3,35	0,38	3,40	0,40	3,04 (n.s)
Rejeição	1,61	0,26	1,63	0,26	0,26 (n.s)
Tentativa de controlo	2,64	0,36	2,52	0,42	20,05***
Qualidade de vida	3,97	0,53	3,89	0,53	4,01*

Nota: *** $p < 0,001$; ** $p < 0,01$; * $p < 0,05$

De acordo com a tabela 15, existem diferenças estatisticamente significativas entre os grupos no que diz respeito à tentativa de controlo e à qualidade de vida percecionada pelos pais: [$F= 20,05$; $p=0,000$] e [$F= 4,01$; $p=0,045$]. Ou seja, existe mais tentativa de controlo e uma melhor perceção da qualidade de vida por parte dos pais que não tenham filhos com NEE. Apesar de não existirem diferenças significativas entre os grupos, é visível que crianças com NEE têm mais suporte emocional e recebem mais comportamentos de rejeição por parte dos seus progenitores quando comparadas com crianças sem NEE.

Tabela 16 - *Diferenças de médias entre as dimensões que compõem a variável qualidade de vida e ter/não ter NEE*

Dimensão	Sem NEE		Com NEE		F
	M	DP	M	DP	
(Qualidade de vida)	3,97	0,53	3,89	0,53	4,01*
-Sentir-se em forma	4,11	0,79	4,06	0,87	0,84 (n.s)
- Sentir-se com energia	4,04	0,80	4,00	0,89	0,36 (n.s)
- Sentir-se triste	1,69	0,87	1,78	0,79	1,82 (n.s)
- Sentir-se sozinho	1,44	0,80	1,51	0,82	0,21 (n.s)
- Tempo para si	3,64	0,91	3,43	0,90	9,98 **
- Atividades no tempo livre	3,70	0,93	3,58	0,92	2,80 (n.s)
-Sentiu-se tratado com justiça	3,81	0,98	3,73	0,90	1,14 (n.s)
- Divertir-se com amigos	3,95	0,84	3,85	0,89	2,28 (n.s)
- Bom aluno	3,81	0,87	3,81	0,98	0,01 (n.s)
- Prestar atenção	3,63	0,85	3,66	0,96	0,03 (n.s)

Nota: *** $p < 0,001$; ** $p < 0,01$; * $p < 0,05$

Na tabela 16, encontram-se as diferentes questões que compõem a dimensão principal perceção da qualidade de vida percecionada pelos pais, assim sendo verifica-se que apenas existem diferenças significativas nos grupos no que diz respeito à perceção que os pais têm sobre o seu filho ter tempo para si próprio: $[F= 0,00; p=0,002]$. Os pais que não têm filhos com NEE tem uma melhor perceção de que os seus filhos têm mais tempo para si próprios do que os pais que têm filhos com NEE.

Regressão

Tabela 17 - Regressão linear das variáveis género e idade como tentativa de predizer a perceção da qualidade de vida (modelo 1)

	Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados	<i>t</i>
	B	Erro padrão	Beta	
(Constante)	3,948	0,173		22,875
Género	0,074	0,052	0,061 (n.s)	1,427 (n.s)
Idade	-0,003	0,004	0,004 (n.s)	-0,616 (n.s)

Nota: *** $p < 0,001$; ** $p < 0,01$; * $p < 0,05$.

Tabela 18 - Regressão linear das variáveis género, idade, suporte emocional, rejeição e tentativa de controlo como preditoras da perceção da qualidade de vida (modelo 2)

	Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados	<i>t</i>
	B	Erro padrão	Beta	
(Constante)	3,948	0,173		7,730
Género	0,074	0,052	0,061 (n.s)	3,893***
Idade	-0,003	0,004	0,004 (n.s)	-0,002 (n.s)
Suporte emocional	0,462	0,061	0,325	7,608***
Rejeição	-0,458	0,084	-0,229	-5,434***
Tentativa de controlo	0,158	0,063	0,108	2,488*

Nota: *** $p < 0,001$; ** $p < 0,01$; * $p < 0,05$.

De acordo com a Tabela 17, no modelo 1 pode observar-se que o género e a idade dos pais não são preditoras da qualidade de vida. Contudo já no modelo 2 (tabela 18), pode-se verificar que ao inserir as dimensões suporte emocional ($B= 0,462$; $p=0,000$), rejeição ($B= -0,458$; $p=0,000$) e tentativa de controlo ($B= 0,158$; $p=0,01$), a dimensão

género ($B= 0,074$; $p=0,000$) bem como as supramencionadas passam a ser preditoras da perceção da qualidade de vida. Por exemplo, como é visível o valor de rejeição é negativo e significativo, o que sugere que quanto menor é o nível de rejeição, maior é a qualidade de vida percebida pelos pais. No seu conjunto, o total das variáveis deste modelo, explicam 19% da variância [$R^2=0,187$; $[F=1,090 (5,557), p=0,000]$].

Tabela 19 - *Regressão linear das variáveis género, idade, suporte emocional, rejeição e tentativa de controlo, e pelo menos 1 filhos com NEE como preditoras da perceção da qualidade de vida (modelo 3)*

	Coeficientes não padronizados		Coeficientes	<i>t</i>
	B	Erro padrão	padronizados Beta	
(Constante)	1,858	0,341		5,444***
Género	0,169	0,048	0,140	3,541***
Idade	0,002	0,004	0,017	0,428 (n.s)
Suporte emocional	0,461	0,060	0,324	7,749***
Rejeição	-0,432	0,083	-0,216	-5,217***
Tentativa de controlo	0,127	0,062	0,087	2,230*
Pelo menos 1 filho com NEE	0,327	0,069	0,180	4,757***

Nota: *** $p < 0,001$; ** $p < 0,01$; * $p < 0,05$.

Na tabela 19, ao inserir-se a variável “*pelo menos 1 filho com NEE*” ($B= 0,327$; $p=0,000$) observa-se que todas as variáveis continuam a predizer a perceção da qualidade de vida: Género ($B= 0,327$; $p=0,000$); Suporte emocional ($B= 0,461$; $p=0,000$); Rejeição; ($B= -0,432$; $p=0,000$) e Tentativa de controlo ($B= 0,327$; $p=0,000$), à exceção da variável

idade. No seu conjunto, o total das variáveis deste modelo, explicam 22% da variância [R²Aj=0,217; [F=26,953 (5,557), p=0,000].

Discussão

De acordo com Ribas, Junior e Valente (2006), muitos são os estudos que têm indicado que o bem-estar emocional de mães e pais é um elemento chave das práticas parentais em relação às crianças e tem implicações significativas sobre o próprio desenvolvimento infantil.

Através de estudos realizados por Klaus e Kennell (2000) está comprovado que a componente afetiva dos pais é um vetor determinante da qualidade dos cuidados e da interação que proporcionam à criança, e que conseqüentemente geram um forte impacto no seu desenvolvimento e bem-estar e, de acordo com os resultados obtidos neste presente estudo, as mães são o elemento que fornece mais suporte emocional aos filhos. Este facto consolidado anteriormente pode ser explicado pelas ideias de Volling, McElwain, Notaro e Herrera (2002) que defendem que a sensibilidade materna é superior à paterna. Contudo, mostram-se ser também as que adotam mais comportamentos de rejeição e de controlo podendo essa atitude ser justificada pela componente temporal, uma vez que são elas que passam mais tempo com os filhos do que os pais (Parke & Buriel, 2006).

Outro aspeto importante, as mães podem apontadas como sendo as que propiciam mais suporte emocional aos filhos quando comparadas aos pais, mas a literatura ressalva que a ausência do pai ou uma relação pai-filho(a) insensível afetam em muito o desenvolvimento socio-emocional da criança (Grossmann, Grossmann, & Kindler, 2005). Porém contrastando as ideias supramencionadas, Lamb (2012) defende que o género dos pais não é uma variável crítica no bem-estar dos filhos, tendo em conta que a qualidade das relações entre pais e filhos e entre os próprios pais e adultos significativos na vida dos menores consegue atingir um papel mais decisivo.

Apesar dos pais passarem menos tempos com os seus filhos, os estudos realizados por Pordata (2014) suportam a ideia de que são eles que fornecem à criança mais tempo lúdico, ou seja, mais tempo para a brincadeira, podendo justificar os dados obtidos de que os pais têm um perfil menos rejeitante e sobretudo menos controlador, adotando portanto uma postura mais permissiva e colaborativa quando comparado com as mães. Segundo outros autores, é igualmente sustentada a ideia supramencionada de que as interações da mãe com os filhos são dominadas pelos cuidados enquanto os pais se definem como “parceiros de jogo”, ou seja, o jogo é uma componente mais saliente da interação pai-criança, enquanto os cuidados são a componente mais saliente da interação mãe-criança, contudo, não se pode afirmar que os pais são menos capazes de cuidar da criança (Lindsey & Mize, 2001),

No que diz respeito às diferenças dos estilos parentais baseadas no género dos pais, segundo Russell, Aloa, Feder, Glover, Miller e Palmer (1998) as mães tinham resultados mais elevados no que diz respeito ao padrão autoritativo e os pais no autoritário e permissivo, indo ao encontro dos resultados do presente estudo.

No que diz respeito aos resultados obtidos sobre a qualidade de vida dos filhos percebida pelos pais, esta apesar de não ressaltar grandes diferenças entre o género dos progenitores, consegue registar que os pais têm ligeiramente uma melhor perceção da qualidade de vida dos filhos em comparação às mães, podendo ser justificável pelas pesquisas realizadas por Saha, Huebner & Suldo (2009) que potenciam o facto de que a qualidade da relação entre a criança e os pais está intimamente relacionada com a perceção que o adolescente tem da sua qualidade de vida e vice-versa, ou seja, se a relação entre o adolescente e os pais for positiva, assim será a sua perceção sobre a sua vida e a dos seus pais. Em suma, partindo das ideias desses autores, seria possível dizer-se que

nesta amostra de crianças e adolescentes, o tipo de relação entre mãe-criança é equiparado à relação pai-criança, gerando portanto uma uniformidade de resultados no que diz respeito à perceção da qualidade de vida.

Na mesma linha de pensamento, vários são os estudos que dão um grande enfoque à existência de uma influência bidirecional em que a criança se trata de um agente ativo, onde tanto recebe influência sobre o seu contexto, como por sua vez é moldado por esse mesmo, ou seja, na interação parental as crianças e os pais influenciam mutuamente o comportamento de cada um (Cummings & Davies, 1994), e não foram encontrados estudos que deem especial destaque à característica idade, o que vai de encontro aos resultados obtidos com o presente estudo de que a perceção da qualidade de vida dos filhos não varia consoante a idade dos pais.

De acordo com os estudos realizados por Barros (2015), a parentalidade pode ser influenciada negativamente pela rotina, ou seja, à medida que os anos passam os pais têm tendência a automatizar de tal forma as atitudes e ações que tem com os seus filhos, deixando de lado os momentos de reflexão que deveriam ser sempre tidos em conta e, relativamente os resultados obtidos com o presente estudo face à idade dos progenitores e aos estilos parentais, podemos verificar que os pais mais velhos são os que providenciam menos suporte emocional aos seus filhos, podendo essa quebra estar a ser potenciada pelo fator em questão.

Por sua vez, outro resultado pertinente, relaciona-se com o facto dos pais mais velhos serem os que menos adotam comportamentos de rejeição e controlo, podendo ser coincidente com a ideias defendidas por Pereira, Goes e Barros (2015) de que há medida que os progenitores envelhecem mostram-se ser indivíduos que pretendem ganhar mais experiência nesse papel social da sua vida e, conseqüentemente procuram estar

atualizados sobre uma parentalidade mais adequada, nomeadamente no que diz respeito a questões em que o foco principal é a educação da criança e os aspetos do seu quotidiano. Contudo, ainda através dos estudos realizados por esses autores, constatou-se que apesar dos pais portugueses recorrerem cada vez mais a programas parentais, a adesão ainda não é suficiente.

Relativamente à componente socioeconómica, com o presente estudo comprovou-se que os pais que se encontram numa situação de vida atual desempregados adotam mais comportamentos de tentativa de controlo quando comparados aos pais que se encontram ativos profissionalmente, indo ao encontro das ideias de Bronfenbrenner (1996) que defendem que os pais de classe social baixa utilizavam mais a coerção bem como as técnicas de afirmação de poder, sendo classificados predominantemente como autoritários. Por sua vez, ainda acerca dos estudos deste mesmo autor, os pais que pertencem a uma classe social média/alta são mais ligados aos estados internos das crianças e à componente afetiva, contrapondo com os resultados obtidos com a presente investigação que defende que os pais pertencentes a esta classe social dão menos suporte emocional aos seus filhos quando equiparados aos desempregados.

Acerca da zona de residência são escassos os estudos que analisem o impacto da qualidade de vida ou dos estilos parentais, neste caso, de viver ou não no meio rural/urbano, sendo justificado pelos resultados obtidos de que existem poucas diferenças entre os dois grupos. Contudo, com a presente investigação observou-se que os pais/mães que vivam num meio mais urbano têm uma maior capacidade de dar suporte emocional, quando comparadas aos que vivam em meio rural, podendo tratar-se de um fator relevante que vai de encontro às ideias de Imig (1983) de que família é mais valorizada no contexto

rural e de Straus (1960) que comprovou que as crenças tradicionais das comunidades rurais podem ser explicadas pela presença de fortes laços de sanguinidade.

De acordo com a literatura, o divórcio é apontado como uma ocorrência que geralmente potencia alterações na qualidade da relação dos pais com a criança e dificuldades de ajustamento (Borsa & Nunes, 2011), contrariamente aos resultados obtidos com a presente investigação que demonstrou que os pais/mãe que se encontrem numa posição de separado/divorciado são vistos como agentes que providenciam mais suporte emocional aos seus filhos e sobretudo mostram-se menos controladores quando comparados com os pais solteiros ou em união de facto. Ainda sobre a mesma matéria, os autores defendem que os filhos de famílias nucleares beneficiam de um comportamento parental de maior qualidade e melhores resultados desenvolvimentais, indo ao encontro das evidências obtidas no presente estudo que indicam que os pais em união de facto e/ou casados têm uma percepção mais ajustada à realidade da qualidade de vida dos seus filhos.

No que diz respeito especificamente às necessidades educativas especiais, os resultados obtidos no presente estudo mostram diferenças notórias entre os dois grupos (pais que têm filhos com NEE vs pais que não tem) face à percepção da qualidade de vida. De acordo com Costa (2004), as famílias cujas crianças têm necessidades educativas especiais combatem circunstâncias difíceis que os outros pais nunca pensariam, tendo em conta que a problemática do filho pode ter uma grande influência tanto na família como nas suas próprias interações, podendo ser um motivo plausível para justificar os resultados obtidos com a presente investigação de que a percepção da qualidade de vida dos filhos com NEE é menos desajustada à realidade quando comparada com pais que não tenham filhos com esta condição.

Como já verificado no capítulo anterior, os pais que tenham filhos com necessidades educativas especiais geralmente fornecem mais suporte emocional aos seus filhos, e isso pode dever-se às ideias promulgadas por Costa (2004) e Pereira (1998) que defendem que a entrada de uma criança com NEE na família pode contribuir para fortalecimento das relações que compõem a família, e consequencialmente dotá-los de mais capacidades para fornecer suporte emocional.

Os resultados do presente estudo salientaram que os pais com necessidades educativas especiais percebem que os filhos têm uma maior capacidade de tomar atenção do que os outros pais, podendo sustentar as ideias de Sarmiento e Freire (2011) de que sendo os pais quem passa mais tempo com a criança é importante mostrarem-se presentes e envolvidos nos assuntos escolares, de modo a melhorar a sua própria participação na escolarização dos seus filhos, e certamente devido ao fator proximidade, conseguem ter uma melhor percepção neste parâmetro.

Segundo a literatura, as NEE são um grande desafio, seja devido a falta de redes de apoio, como às necessidades financeiras ou estigma social (Barnett, Clements, Kaplan-Estrin e Fialka, 2003), assegurando os resultados obtidos no presente estudo de que os pais de filhos com NEE percebem os seus filhos como sendo mais injustiçados, menos enérgicos, com menos capacidade para fazer atividades no tempo livre e estar com os amigos.

Conclusão

As questões referentes à qualidade de vida das crianças e dos adolescentes têm sido fortemente discutidas e postuladas por diferentes autores, mantendo-se como uma preocupação da sociedade. Associada à qualidade de vida, surgem outros dois conceitos que importaram ser destacados, sendo eles a subjetividade, que tem que ver com cada pessoa ter a sua forma de avaliar a situação pessoal, em relação ao seu estado de saúde e a outras dimensões relacionadas com a qualidade de vida, e a multidimensionalidade, que diz respeito às várias dimensões que compõem a qualidade de vida- física, psicológica, social e ambiental (Seidl & Zannon, 2004).

A presente investigação pretendeu explorar a parentalidade incidindo sobretudo na percepção dos pais sobre a qualidade de vida dos filhos com NEE. Neste sentido, através da pesquisa bibliográfica verificou-se que existem diversos fatores que podem influenciar tanto a qualidade de vida da criança, bem como a percepção dos pais. Não menos importante, também pretendeu-se verificar de que forma os estilos parentais são influenciados pelas variáveis sociodemográficas que elaboraram o estudo, sendo elas idade, género, situação socioeconómica, estado civil, local de residência e escolaridade. De um modo geral, foi proposto um modelo explicativo da percepção dos pais acerca da qualidade de vida dos seus filhos, incluindo os estilos parentais, as variáveis sociodemográficas e o estatuto das necessidades educativas especiais.

Com o intuito de realizar os objetivos supramencionados, o presente estudo reuniu uma amostra de 855 mães e 241 pais, com filhos com idades entre os 6 e os 16 anos de idade, obtendo um total de 1096 pais. Os dados foram recolhidos e analisados através de uma metodologia quantitativa, sendo que foram utilizados dois questionários de auto-preenchimento: KIDSCREEN-10 que permitiu medir a qualidade de vida dos filhos

percecionada pelos próprios e o EMBU-P que permitiu avaliar os estudos parentais mediante a própria perceção dos progenitores.

No que diz respeito aos resultados obtidos, foi verificado que de um modo geral a perceção que os pais têm da qualidade de vida dos filhos não varia consoante o género, a idade dos pais, o local de residência e a escolaridade. Por sua vez, as variáveis idade da criança, situação socioeconómica dos pais e estado civil dos pais influenciam a perceção dos pais sobre a qualidade de vida dos filhos.

Como primeira limitação deste estudo, pode apontar-se a dificuldade em obter uma amostra mais significativa relativamente a crianças com necessidades educativas especiais. Importa mencionar que alguns questionários foram deixados em branco ou mal preenchidos, tendo sido eliminados.

A segunda limitação está relacionada com a falta de estudos sobre a perceção dos pais sobre a qualidade de vida dos filhos com NEE que dificultou a comparação do presente de estudo com outros. A terceira limitação prendeu-se com o tempo de espera pela resposta das instituições que contribuíram para esta investigação.

A primeira sugestão para investigações futuras seria aplicar os questionários a um maior número participantes, quer pais quer filhos, na tentativa de obter resultados mais conclusivos.

A segunda sugestão seria utilizar outros instrumentos que pudessem vir dar mais valor ao estudo, como por exemplo, entrevistas de auto-relato, por forma a quebrar alguma desejabilidade social sentida nessa recolha de dados.

Referências

- Almeida, I. S., Rocha, A., & Fonseca, H. (2016). Programa Parentalidade Positiva: Programa de Intervenção Parental de Crianças e Jovens Sobredotados. *Sobredotação*, 15 (1), 113-131.
- Assembleia da Republica. (2005). Constituição da Republica Portuguesa. Obtido em 20 de ago. de 2018, de <https://www.parlamento.pt/Legislacao>
- Bagwell, C., Schmidt, M., Newcomb, A. & Bukowski, W. (2001). Friendship and peer rejection as predictors of adult adjustment. *Child and Adolescent Development*, 91, 25-49.
- Barnett, D., Clements, M., Kaplan-Estrin, M., & Fialka, J. (2003). Building new dreams: Supporting parent's adaptation to their child with special needs. *Infants and Young Children*, 16(3), 184-200.
- Baumrind, D. (1966). Effects of authoritative parental control on child behavior. *Child Development*, 37, 887-907.
- Baumrind, D. (1975). *The contributions of the family to the development of competence in children*. California: University of California, Berkeley.
- Borsa, J. C. & Nunes, M. L. T. (2011). Aspetos psicossociais da parentalidade: O papel de homens e mulheres na família nuclear. *Psicologia Argumento*, 29(64), 31-39.
- Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Caldera, Y. & Hart, S. (2004). Exposure to child care, parenting style and attachment security. *Infant and Child Development*, 13, 21-33.

- Canavarro, M. & Pereira, A. (2007). A avaliação dos estilos parentais educativos na perspetiva dos pais: a versão portuguesa do EMBU-P. *Teoria, Investigação e Prática*, 2, 271-286.
- Correia, L.M. (2004). Problematização das dificuldades de aprendizagem nas necessidades educativas especiais. *Análise Psicológica*, 22(2), 369-376.
- Costa, M. B. (2004). A Família com Filhos com Necessidades Educativas Especiais. *Millenium: Revista do Instituto Superior Politécnico de Viseu*, 30.
- Council of Europe (2008). *Parenting in contemporary Europe: a Positive Approach*. Strasbourg Cedex: Council of Europe Publishing.
- Crepaldi, M. A., Andreani, G., Hammes, P. S., Ristof, C. D., & Abreu, S. R. (2006). A participação do pai nos cuidados da criança segundo a concepção de mães. *Psicologia em Estudo*, 11(3), 579-587.
- Cruz, O. (2005). *Parentalidade*. Coimbra: Quarteto.
- Darling, N. & Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: An integrative model. *Psychological Bulletin*, 113, 487-496.
- Davies, D., Fernandes, J., Soares, J., Lourenço, L., Costa, L., Vilas-boas, M., Vilhena, M., Oliveira, M., Dias, M., Silva, P., Marques, R. & Lima, R. (1989). *As Escolas e as Famílias em Portugal: Realidade e Perspectivas*. Lisboa: Livros Horizonte
- Feldman, M. (1994). Parenting education for parents with intellectual disabilities: A review of outcome studies. *Developmental Disabilities*, 15 (5), 299-332.
- Fielden, J. M & Gallagher, L. M. (2008). Building social capital in first-time parents through a group-parenting program: A questionnaire survey. *International Journal of Nursing gh*, 45(3), 406-417.
- Frude, N. (1991). *Uderstanding Family Problems*. London: John Wiley e Sons.

- Gaspar, T., Matos, M. G., Ribeiro, J.L. P., & Leal, I. (2006). Qualidade de vida e bem-estar em crianças e adolescentes. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 2(2), 47-60.
- Gaspar, T., Ribeiro, J. P., Leal, I., & Matos, M. (2008). Qualidade de vida Instrumentos Kidscreen-52 para pais e crianças e adolescentes. *Revista Peruana de Psicometria*, 1 (2).
- Grossmann, K. E., Grossmann, K., & Kindler, H. (2005). *Early care and the roots of attachment and partnership representations: The Bielefeld and Regensburg longitudinal studies*. New York: Guilford Press.
- Hegarty, S. (2001). O apoio centrado na escola: novas oportunidades e novos desafios. In David Rodrigues (Org.), *Educação e diferença: valores e práticas para uma escola inclusiva*. Porto: Porto Editora.
- Huebner, E., Valois, R., Suldo, S., Smith, L., Mcknight, C., Seligson, J. & Zullig, K. (2004). Perceived Quality of Life: A Neglected Component of Adolescent Health Assessment and Intervention. *Journal of Adolescent Health*, 34, 270-278.
- Imig, D. R. (1983). Urban and Rural Families: A Comparative Study of the Impact of Stress on Family Interaction. *Research in Rural Education*, 1(2), 43-46.
- Julien, P. (2000). *Abandonarás teu pai e tua mãe*. Companhia de Freud: Rio de Janeiro.
- Klaus, M.H. & Kennell, J. (2000). *Vínculo: construindo as bases para um apego seguro e para a independência*. Artes Médicas, Porto Alegre
- Lamb, M. E. (1975). Fathers: Forgotten contributors to child development. *Human Development*, 18, 245-266.

- Lamb, M. E. (2012). Mothers, fathers, families, and circumstances: Factors affecting children's adjustment. *Applied Developmental Science*, 16, 98-111. doi: 10.1080/10888691.2012.667344
- Leal, C. (2008). Reavaliar o conceito de qualidade de vida. Obtido em 15 de ago. de 2018, de <http://www.porto.ucp.pt/lusobrasileiro/actas/Carla%20Leal.pdf>
- Lévi-Strauss, C. (2009). *As estruturas elementares do parentesco* (5 edição). Petrópolis: Vozes.
- Lindsey, E.W. & Mize, J. (2001). Interparental agreement, parent-child responsiveness, and children's peer competence. *Family Relations: Journal of Applied Family & Child Studies*, 50, 348-354.
- Lopes, M., S., Catarino, H., & Dixe, M. (2010). Parentalidade Positiva e Enfermagem: Revisão Sistemática da literatura. *Revista Enfermagem Referência*, 3 (1), 109-118
- Maccoby, E. E. & Martin, J. (1983). Socialization in the context of the family: parent-child interaction. *Handbook of child psychology*, 4, 1- 101, New York: Wiley.
- Macedo, R.M. (1994). A família do ponto de vista psicológico: lugar seguro para crescer?. *Cadernos de Pesquisa*, 91, 62-68, São Paulo.
- Marchese, D. M. A. (2002). *O Nascimento do Cidadão Diferente: Prognóstico ou Julgamento?*. Dissertação de Mestrado em Distúrbios do Desenvolvimento. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie.
- Masten, A. (2001). Ordinary magic: resilience processes in development. *American Psychologist*, 56 (3), 227-238.
- Minuchin, S. & Fishman, C. (1990). *Técnicas de Terapia Familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Minuchin, S. (1982). *Famílias: Funcionamento e tratamento*. Porto Alegre: Artmed.

- Murphy, G. (1982). Sensory Reinforcement in the Mentally Handicapped and Autistic Child: A Review. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 12 (3).
- Musitu, G. & García, G. (2004). ESPA29: *Escala de estilos de socialización parental en la adolescência* (2ª edição). Madrid: TEA Ediciones.
- Naylor, A. & Prescott, P. (2004). Invisible Children? The Need for Support Groups for Siblings of Disabled Children. *British Journal of Special Education*, 31 (4), 199-206.
- Nunes, R. & Rego, G. (2002). *Prioridades na Saúde* (2ª. Ed.). Lisboa: Editora McGraw-hill.
- Oliveira, I. A. (2004). *Saberes imaginários e representações na educação especial: a problemática ética da “diferença” e da exclusão social* (2ª edição). Petrópolis: Vozes.
- Olson, D. H. (1986). Circumplex Model VII: Validation Studies and Faces III. *Family Process*, 25, p. 337-351.
- Parke, R. D., & Buriel, R. (2006). Socialization in the family: Ethnic and ecological perspectives. In W. Damon, R. M. Lerner (Series Eds.), & N. Eisenberg (Vol. Ed.), *Handbook of child psychology. Social, emotional, and personality development*, pp. 429-504. New York: Wiley.
- Pereira, A. I., Goes, A. R., & Barros, L. (Coord.). (2015). *Promoção da parentalidade positiva: Intervenções psicológicas com pais de crianças e adolescentes*. Lisboa: Coisas de Ler.
- Pereira, F. (1998). *As Representações dos Professores de Educação Especial e as Necessidades das Famílias*. Lisboa: Secretariado Nacional para a Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência.

- Pereira-Silva, N. L. & Dessen, M. A. (2003). Crianças com Síndrome de Down e suas interações familiares. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16 (3), 503-514.
- Pinto, I.M.M, Macedo, C. & Dias, P.C. (2013). Qualidade de vida de famílias com necessidades especiais. *Revista Iberoamericana de educación*, 63, pp. 181-198.
- Pordata. (2014). *Portuguese National Statistics*. Obtido em 15 de ago. de 2018, de <http://www.pordata.pt/Portugal>
- Powell, T. & Ogle, P. (1991). *El Niño Especial: El Papel de los Hermanos en su Educación*. Barcelona: Editorial Norma.
- Relações, Desenvolvimento & Saúde. (2016). Instrumentos de avaliação – EMBU-P - EMBU pais. *Relações, Desenvolvimento & Saúde Website*. Universidade de Coimbra. Obtido em 20 de ago. de 2018, de <http://www.fpce.uc.pt/saude/embup.htm>
- Relvas, A. (2000). *O ciclo vital da família: Perspectiva sistémica* (2ª. ed.). Porto: Edições Afrontamento.
- Ribas, A.F.P, Junior, R.C.R & Valente, A.A. (2006). Bem-estar emocional de mães e pais e o exercício do papel parental: uma investigação empírica. *Revista Brasileira de Desenvolvimento e Crescimento Humano*, 16(3):28-38.
- Ribeiro, J. L. P. (2003). Quality of life is a primary end-point in clinical settings. *Clinical Nutrition*, 23 (1), 121-130.
- Rosenberg, M. (1979). *Conceiving the Self*. New York: Basic Books.
- Russell. A., Aloa. V., Feder., T., Glover, A., Miller, H. & Palmer, G. (1998). Sex-based differences in parenting styles in a sample with preschool children. *Australian Journal of Psychology*, 50, 89-99.

- Saha, R., Huebner, E. & Suldo, S. (2009). A Longitudinal Study of Adolescent Life Satisfaction and Parenting. *Child Ind Res*, 3, 149-165.
- Saha, R., Huebner, E. & Suldo, S. (2009). A Longitudinal Study of Adolescent Life Satisfaction and Parenting. *Child Ind Res* 3, 149-165.
- Sarmiento, T. & Freire, I. (2011). Fazer a escola acontecer: A colaboração crianças-professores-pais como prática de cidadania. *Revista ELO* 18, 37-49.
- Seidl, E. M. F. & Zannon, C. M. L.C. (2004). Qualidade de vida e saúde: aspectos conceituais e metodológicos. *Cadernos de Saúde Pública*, 20(2), 580-588.
- Sigolo, S. R. R. L. (2004). Favorecendo o desenvolvimento infantil: ênfase nas trocas interativas no contexto familiar. *Temas em Educação Especial: avanços recentes*, 189-195, São Carlos: Edufscar.
- Silva, M.C. & Chaveiro, E.F. (2009). Demografia e família: as transformações da família no século XXI. *Boletim Goiano de Geografia*, 29 (2), 171-183.
- Stern, D. (1997). *A constelação da maternidade*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Straus, M. A. (1960). Family role differentiation and technological change in farming. *Rural Sociology*, 25, 219-228.
- Szymanski, H. (2004). Práticas educacionais familiares: a família como foco de atenção psicoeducacional. *Estudos de Psicologia*, 21, 5-16.
- Turnbuull, A., Summers, J. & Brotherson, M. (1986). *Family Life Cycle*. Baltimor: Paul H. Brookes.
- Volling, B. L., McElwain, N. L., Notaro, P. C., & Herrera, C. (2002). Parents' emotional availability and infant emotional competence: Predictors of parentinfant attachment and emerging self-regulation. *Journal of Family Psychology*, 16, 447-465.

- Wagner, A., Predebon, J., Mosmann, C., & Verza, F. (2005). Compartilhar tarefas? Papéis e funções de pai e mãe na família contemporânea. *Psicologia Teoria e Pesquisa*, 21(2), 181-186.
- Wallander, J. L., & Schmitt, M. (2001). Quality of life measurement in children and adolescents: issues, instruments and applications. *Journal of clinical psychology*, 57(4), 571-585.
- Weber, L. N. D., Brandenburg, O. J., & Viezzer, A. P. (2003). A relação entre o estilo parental e o otimismo da criança. *Psico-USF*, 8(1), 71-79.
- World Health Organization. (2018). World Health Organization. Obtido em 15 de ago. de 2018, de <http://www.who.int/en>
- Zaff, J., Smith, D., Rogers, M., Leavitt, C., Halle, T. & Bornstein, M. (2003). Holistic well – being and the developing child. In M. Bornstein, L. Davidson, K. Moore (Eds.) *Well – Being: Positive development Across the life course*. USA:LEA.
- Zornig, S. M. A. J. (2010). Tornar-se pai, tornar-se mãe: o processo de construção da parentalidade. *Tempo psicanalítico*, 42(2), 453-470.

ANEXOS

LISTA DE ANEXOS

- Anexo A** - Carta de colaboração direcionada aos diretores de turma
- Anexo B** - Carta de autorização para os pais
- Anexo C** - Questionário KIDSCREEN-10
- Anexo D** - Questionário EMBU-P

ANEXO A

Carta de colaboração direcionada aos diretores de turma

Exma. Senhora. Directora,

O Instituto de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade Lusíada de Lisboa está a desenvolver uma investigação relacionada com o perfil parental e a sua relação com a qualidade de vida dos filhos.

O estudo pretende caracterizar e compreender os fatores parentais, tais como competências parentais, dinâmica familiar, resiliência e suporte social e como estes influenciam o bem-estar e qualidade de vida dos respetivos filhos. Pretendemos estudar pais e crianças e adolescentes dos 6 aos 16 anos de idade.

O estudo foi autorizado pelo MIMÉ (monitorização de inquéritos em meio escolar), naturalmente, preservando a autonomia das escolas/agrupamentos, e teve parecer favorável da comissão Nacional de Proteção de Dados.

Na sequência da reunião realizada com XXXXXX, vimos por este meio solicitar a vossa colaboração para o estudo apresentado, pensando que o mesmo pode ser uma mais-valia para ambas as partes.

Qualquer informação adicional, disponha por email para a coordenadora do Estudo tania.gaspar@edu.ulusiada.pt ou pelo 962852290

Respeitosos cumprimentos,

Tania Gaspar

Directora do Instituto de Psicologia e Ciências da Educação

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Universidade Lusíada de Lisboa

ANEXO B

Carta de autorização para os pais



PEDIMOS A SUA COLABORAÇÃO E DOS SEUS FILHOS NESTA INVESTIGAÇÃO QUE ESTÁ A SER REALIZADA EM PORTUGAL.

O Instituto de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade Lusiana de Lisboa no âmbito do Centro Lusitano de Investigação em Serviço Social e Intervenção Social está a realizar um estudo no âmbito da Parentalidade.

Pretendemos caracterizar e compreender os fatores parentais, tais como competências parentais, dinâmica familiar, resiliência e suporte social e como estes influenciam o bem-estar dos filhos dos 6 aos 16 anos de idade.

Os dados recolhidos destinam-se a procedimentos meramente estatísticos, tendo em vista o alargamento dos conhecimentos nesta área, bem como, ponderar formas de intervenção adequadas às necessidades.

A colaboração no estudo envolve a participação de pais (pelo menos de um encarregado de educação) e dos respetivos filhos com idades entre os 6 e os 16 anos.

Os dados dos pais serão recolhidos através de um instrumento com um tempo aproximado de resposta de 30 minutos.

Os dados dos filhos serão recolhidos através de um instrumento com um tempo aproximado de resposta de 10 minutos.

A sua colaboração e dos seus filhos é fundamental. Sinta-se livre de aceitar ou recusar participar no estudo. Asseguramos que todos os dados por si fornecidos são confidenciais.

Autorizo que o(s) meu(s) educando(s) com idades entre os 6 e os 16 anos participem no estudo anteriormente apresentado.

Data

____/____/____

Autorizo

Não autorizo

Qualquer questão adicional contactar responsável da investigação

Prof^a Doutora Tania Gaspar

tania.gaspar@edu.ulusiada.pt

ANEXO C

Questionário KIDSCREEN-10

Olá,

Como estás? É isso que queríamos que tu nos contes.

Por favor lê todas as questões cuidadosamente. Escolhe e assinala a resposta mais adequada ao teu caso. Lembra-te: isto não é um teste, não existem respostas erradas. É importante que respondas a todas as questões e para nós conseguir perceber as tuas respostas claramente. Quando pensas na tua resposta, por favor, tenta pensar na tua última semana. Não tens que mostrar as tuas respostas a ninguém. E ninguém teu conhecido vai ver o teu questionário depois de o teres terminado.

És rapaz ou rapariga?

Rapaz

Rapariga

Que idade tens? _____

Tens alguma Necessidade Educativa Especial, deficiência, doença ou condição crónica que dificulte o teu dia-a-dia?

Não

Sim

Em caso afirmativo, qual/quais?

1. Saúde e atividade física

	Excelente	Muito boa	Boa	Má	Muito má
1. Em geral, como descreves a tua saúde?					

Pensa na última semana...	Nada	Pouco	Moderadamente	Muito	Totalmente
2. Sentiste-te bem e em forma?					
3. Estiveste fisicamente ativo (ex. correste, fizeste escalada, andaste de bicicleta)?					
4. Foste capaz de correr bem?					

Pensa na última semana...	Nunca	Raramente	Algumas vezes	Frequentemente	Sempre
5. Sentiste-te cheio de energia?					

2. Sentimentos

Pensa na última semana...	Nada	Pouco	Moderadamente	Muito	Totalmente
1. A tua vida tem sido agradável?					
2. Sentiste-te bem por estar vivo(a)?					
3. Sentiste-te satisfeito(a) com a tua vida?					
Pensa na última semana...	Nunca	raramente	Algumas vezes	Frequente-mente	Sempre
4. Estiveste de bom humor?					
5. Sentiste-te alegre?					
6. Divertiste-te?					

3. Estado de humor geral

Pensa na última semana...	Nunca	Raramente	Algumas vezes	Frequentemente	Sempre
1. Sentiste que fizeste tudo mal?					
2. Sentiste-te triste?					
3. Sentiste-te tão mal que não quiseste fazer nada?					
4. Sentiste que tudo na vida estava a correr mal?					
5. Sentiste-te farto(s)?					
6. Sentiste-te sozinho(a)?					
7. Sentiste-te debaixo de pressão ("stressado/a")?					

4. Sobre ti próprio

Pensa na última semana...	Nunca	Raramente	Algumas vezes	Frequentemente	Sempre
1. Sentiste-te feliz com a tua maneira de ser?					
2. Sentiste-te contente com as tuas roupas?					
3. Sentiste-te preocupado(a) com a tua aparência?					
4. Sentiste inveja da aparência de outros rapazes e raparigas?					
5. Gostarias de mudar alguma coisa no teu corpo?					

5. Tempo livre

Pensa na última semana...	Nunca	Raramente	Algumas vezes	Frequentemente	Sempre
1. Tiveste tempo suficiente para ti próprio(a)?					
2. Foste capaz de fazer atividades que gostas de fazer no teu tempo livre?					
3. Tiveste oportunidades suficientes para estar ao ar livre?					
4. Tiveste tempo suficiente para te encontrares com os teus amigos(as)?					
5. Foste capaz de escolher o que fazer no teu tempo livre?					

6. Família, ambiente familiar e vizinhança

Pensa na última semana...	Nunca	raramente	Algumas vezes	Frequente mente	Sempre
1. Os teus pais compreendem-te?					
2. Sentiste-te amado(a) pelos teus pais?					
3. Sentiste-te feliz em casa?					
4. Os teus pais tiveram tempo suficiente para ti?					
5. Os teus pais trataram-te com justiça?					
6. Foste capaz de conversar com os teus pais quando quiseste?					

7. Questões económicas

Pensa na última semana...	Nunca	raramente	Algumas vezes	Frequente mente	Sempre
1. Tiveste dinheiro suficiente para fazer as mesmas atividades que os teus amigos(as)?					
2. Tiveste dinheiro suficiente para as tuas despesas?					
Pensa na última semana...	Nada	Pouco	Moderada-mente	Muito	Totalmente
3. Tiveste dinheiro suficiente para fazer atividades com os teus amigos(as)?					

8. Amigos (as)

Pensa na última semana...	Nunca	Raramente	Algumas vezes	Frequentemente	Sempre
1. Passaste tempo com os teus amigos(as)?					
2. Fizeste atividades com outros rapazes e raparigas?					
3. Divertiste-te com os teus amigos(as)?					
4. Tu e os teus/tuas amigos(as) ajudaram-se uns aos outros?					
5. Sentiste-te capaz de falar sobre tudo com os teus/tuas amigos(as)?					
6. Sentiste que podes confiar nos(as) teus/tuas amigos(as)?					

9. Ambiente escolar e aprendizagem

Pensa na última semana...	Nada	Pouco	Moderada-mente	Muito	Totalmente
1. Sentiste-te feliz na escola?					
2. Foste bom/boa aluno(a) na escola?					
3. Sentiste-te satisfeito(a) com os teus professores?					
Pensa na última semana...	Nunca	Raramente	Algumas vezes	Frequente mente	Sempre
4. Sentiste-te capaz de prestar atenção?					
5. Gostaste de ir à escola?					
6. Tiveste uma boa relação com os teus professores?					

10. Provocação

Pensa na última semana...	Nunca	Raramente	Algumas vezes	Frequentemente	Sempre
1. Tens sentido medo de outros rapazes ou raparigas?					
2. Outros rapazes ou raparigas gozaram contigo?					
3. Outros rapazes ou raparigas provocaram-te?					

ANEXO D

Questionário EMBU-P

PEDIMOS A SUA COLABORAÇÃO NESTA INVESTIGAÇÃO QUE ESTÁ A SER REALIZADA EM PORTUGAL.

Pretendemos caracterizar e compreender os fatores parentais, tais como competências parentais, dinâmica familiar, resiliência e suporte social e como estes influenciam o bem-estar dos filhos dos 6 aos 16 anos de idade.

Os dados recolhidos destinam-se a procedimentos meramente estatísticos, tendo em vista o alargamento dos conhecimentos nesta área, bem como, ponderar formas de intervenção adequadas às necessidades. Os dados serão recolhidos através do instrumento seguinte e tem um tempo aproximado de resposta de 30 minutos.

A sua colaboração é fundamental. Sinta-se livre de aceitar ou recusar participar no estudo. Asseguramos que todos os dados por si fornecidos são confidenciais.

Não existem respostas certas ou erradas, apenas lhe pedimos que responda a todas as questões apresentadas com a máxima sinceridade possível. Sempre que lhe surgirem dúvidas, poderá esclarecê-las junto da pessoa que está na sala a aplicar os questionários. Muito obrigada pela sua colaboração.

1. Idade _____

2. Estado Civil

Solteiro(a)
 União de Facto
 Casado(a)
 Separado(a)
 Divorciado(a)
 Viúvo(a)

3. Género Feminino
 Masculino

4. Quantos filhos tem? _____

4.1. Idade(s) de cada filho(a) _____

5. Nível de escolaridade

Não sabe ler nem escrever	<input type="checkbox"/>		
Não completou o Ensino Básico	<input type="checkbox"/>		
Ensino Básico	1º Ciclo	<input type="checkbox"/>	3º Ciclo
Ensino Secundário	10º Ano	2º Ciclo	12º Ano
Licenciatura		11º Ano	<input type="checkbox"/>
Mestrado	<input type="checkbox"/>		
Doutoramento	<input type="checkbox"/>		

6. Área de residência

Aldeia
 Vila
 Cidade

7. Pessoa com quem coabita

Sozinho(a)
 Cônjuge
 Cônjuge e Filhos
 Filhos
 Outros parentes

8. Situação profissional

Empregado(a) por conta própria
 Empregado(a) por contra de outrem
 Desempregado(a)
 Reformado(a)
 Outra _____

9. Profissão

Dados do Agregado Familiar e do (s) Filho (s) com idades entre os 6 e os 16 anos (se tiver mais do três filhos com estas idades responda em relação aos 3 mais velhos):

10. Escolaridade

1º Ciclo
 2º Ciclo
 3º Ciclo
 Secundário

Filho1	Filho2	Filho3

11. Frequenta o ensino:

Público
 Privado
 IPSS

Filho1	Filho2	Filho3

12. O seu educando frequenta atividades extracurriculares?

Não
 Sim

Filho 1	Filho 2	Filho 3

12.1. Quantas atividades extracurriculares tem?

1
 2 a 3
 Mais de 4

Filho1	Filho2	Filho3

12.2. Quais ? _____

12.3. Com que frequência?

0-1 p/semana
 2-3 p/semana
 4-6 p/semana
 Mais de 7 vezes p/ semana

Filho1	Filho2	Filho3

13. Pratica(m) modalidades desportivas regularmente?

Não
 Sim

Filho 1	Filho 2	Filho 3

13.1. Número de vezes por semana

2 vezes
 1 vezes
 + 3 vezes

Filho1	Filho2	Filho3

13.2. Desportista(s) federado?

Não
 Sim

Filho 1	Filho 2	Filho 3

14. O(s) seu(s) educando(s) frequenta(m) um Centro de Estudos ou ATL?

Não
 Sim

Filho 1	Filho 2	Filho 3

Qual a razão? _____

15. Com que antecedência chega(m) o seu(s) filho(s) à escola antes da 1ª aula do dia ?

15min ou hora certa
30min
1h

Filho1	Filho2	Filho3

16. A que horas chega(m) geralmente a casa?

Antes das 17h30
Entre as 17h30 e às 19h30
Depois das 19h30

Filho1	Filho2	Filho3

17. A que horas costuma deitar o seu(s) educando(s)?

Antes das 20h30
Entre as 20h30 e às 21h30
Depois das 22h
Quem costuma deitar os educandos? _____

Filho1	Filho2	Filho3

18. Como costuma(m) ocupar as suas noites?

Ler
Ver televisão
Sair
Outras
Quais? _____

Filho1	Filho2	Filho3

19. O(s) seu(s) filho(s) vive(m) consigo?

Não
Sim

Filho 1	Filho 2	Filho 3

Em caso negativo, há quantos anos é que não vive(m) com o(s) seu(s) filho(s)?

B - Mesmo que seja difícil explicar com exatidão como se relaciona ou se relacionou com os seus filhos, certamente tem uma ideia, mais ou menos precisa, de como o(s) tem educado e porque tem procedido dessa forma.

Para responder a este questionário é muito importante que tente recordar as atitudes e comportamento que tem tido em relação ao(s) seu(s) filho(s). Como verá, cada pergunta pode ser respondida de diferentes maneiras. Deve escolher a resposta que melhor reflita o comportamento que tem ou teve para com o(s) seu(s) filho(s). **Depois de ter escolhido a resposta mais apropriada ao seu caso, deverá preenche-la com uma cruz.**

Como verá, algumas perguntas não podem ser respondidas se tem só um filho; nesse caso, deixe a resposta em branco.

	Não, nunca	Sim, às vezes	Sim, frequentemente	Sim, sempre
b1. Demonstração ao(s) seu(s) filho(s), com palavras e gestos, que gosta deles(s)?				
b2. Castiga o(s) seu(s) filho(s) mesmo no caso de pequenas faltas?				
b3. Tenta influenciar o(s) seu(s) filho(s) para que ele(s) venha(m) a ser pessoa(s) bem colocada(s) na vida?				
b4. Deseja que o(s) seu(s) filho(s) seja(m) diferente em algum aspecto?				
b5. Acha que é demasiado severo(a) com o(s) seu(s) filho(s)?				
b6. Decide como o seu(s) filho(s) deve(m) vestir-se/aspecto deve(m) ter?				

	Não, nunca	Sim, às vezes	Sim, frequentemente	Sim, sempre
b7. Proíbe o(s) seu(s) filho(s) de fazer coisas que outras crianças da idade dele(s) fazem por medo que lhe(s) aconteça algo de mal?				
b8. Bate ou repreende o(s) seu(s) filho(s) em frente de outras pessoas?				
b9. Preocupa-se em saber o que faz o(s) seu(s) filho(s) na sua ausência?				
b10. Quando as coisas correm mal ao(s) seu(s) filho(s), tenta compreendê-lo(s) e anima-lo(s)?				
b11. Impõe ao(s) seu(s) filho(s) mais castigos corporais do que ele(s) merece(m)?				
b12. Aborrece-se com o(s) seu(s) filho(s) porque ele(s) não o (a) ajuda(m) nas tarefas de casa como gostaria?				
b13. Quando acha que o(s) seu(s) filho(s) faz(em) algo mal, mostra-se de tal forma triste que o faz sentir-se culpado?				
b14. Conta a outras pessoas o que o(s) seu(s) filho(s) faz(em) ou diz(em), envergonhando-o(s) com isso?				
b15. Mostra interesse em que o(s) seu(s) filho(s) tire(m) boas notas?				
b16. Ajuda o(s) seu(s) filho(s) quando ele(s) enfrenta(m) uma tarefa difícil?				
b17. Diz ao(s) seu(s) filho(s) frases como estas: " Com a tua idade não deverias comportar-te desta forma"?				
b18. Fica triste por culpa do(s) seu(s) filho(s)?				
b19. Tenta estimular o(s) seu(s) filho(s) para que ele seja o melhor?				
b20. Demonstra ao(s) seu(s) filho(s) que está satisfeito com ele(s)?				
b21. Confia no(s) seu(s) filho(s) de tal forma que o(s) deixa atuar sob a sua própria responsabilidade?				
b22. Respeita as opiniões do(s) seu(s) filho(s)?				
b23. Se o(s) seu(s) filho(s) tem pequenos segredos, pede insistentemente que lhos conte?				
b24. Quer estar ao lado do(s) seu(s) filho(s)?				
b25. Acha que é "forreta" e "duro(a)" para com o(s) seu(s) filho(s)?				
b26. Quando regressa a casa, o(s) seu(s) filho(s) tem que dar-lhe explicações sobre o que fez(em)?				
b27. Tenta que a infância do(s) seu(s) filho(s) seja estimulante e atrativa? (por exemplo: dando-lhe(s) bons livros, encorajando-o(s) a em passeios e excursões, etc.)				

	Não, nunca	Sim, às vezes	Sim, frequentemente	Sim, sempre
b28. Elogia o comportamento do(s) seu(s) filho(s)?				
b29. Diz ao(s) seu(s) filho(s) frases como estas: " É assim que nos agradeces todo o esforço que temos feito por ti e todos os sacrifícios que temos feito para o teu bem"?				
b30. Quando o(s) seu(s) filho(s) está triste, pode procurar a sua ajuda e compreensão?				
b31. Diz ao(s) seu(s) filho(s) que não está acordo com a forma de ele(s) se comportar(am) em casa?				
b32. Interessa-se pelo tipo de amigos mais próximos do(s) seu(s) filho(s)?				
b33. É brusco e pouco amável com o(s) seu(s) filho(s)?				
b34. Castiga o(s) seu(s) filho(s) com dureza, inclusive por coisas que não têm importância?				
b35. Acha que o(s) seu(s) filho(s) deseja(m) que se preocupe menos com as atividades dele(s)?				
b36. Participa ativamente nos passatempos e diversões do(s) seu(s) filho(s)?				
b37. Bate ao(s) seu(s) filho(s)?				
b38. Coloca limitações estritas ao que o(s) seu(s) filho(s) pode(m) ou não fazer, obrigando-o(s) a respeitá-las rigorosamente?				
b39. Tem um medo exagerado que aconteça alguma coisa ao(s) seu(s) filho(s)?				
b40. Acha que há carinho e ternura entre si e o(s) seu(s) filho(s)?				
b41. Fica orgulhoso(a) do(s) seu(s) filho(s) quando ele(s) consegue(m) atingir objetivo a que se propõe(m)?				
b42. Manifesta ao(s) seu(s) filho(s) que está satisfeito com ele(s) através de expressões físicas carinhosas como dar-lhe(s) palmadas nas costas, abraçá-lo(s), etc.?				

C - As questões que se seguem são relativas à sua saúde em geral. Assinale 1 resposta em cada linha.

	Melhor que o habitual	Como habitual	Pior do que o habitual	Muito pior do que o habitual
c1. Tem-se sentido perfeitamente bem de saúde?				
	Não, em absoluto	Não mais do que o habitual	Mais do que o habitual	Muito mais do que o habitual
c2. Têm sentido a necessidade de um tónico?				
c3. Tem-se sentido em baixo de forma e maldisposto?				

	Não, em absoluto	Não mais do que o habitual	Mais do que o habitual	Muito mais do que o habitual
c4. Tem-se sentido doente?				
c5. Tem tido dores de cabeça?				
c6. Tem tido uma sensação de aperto ou pressão na cabeça?				
c7. Tem tido ataques de frio ou calor?				
c8. Tem perdido o sono devido a preocupações?				
c9. Depois de adormecer acorda várias vezes?				
c10. Tem-se sentido constantemente sobre tensão?				
c11. Tem-se sentido irritável de mau humor?				
c12. Tem-se sentido assustado ou têm entrado em pânico sem razão?				
c13. Tem tido a sensação de que está tudo a cair em cima de si?				
c14. Tem-se sentido permanentemente nervoso e tenso?				
c15. Tem conseguido manter-se ativo e ocupado?				
c16. Tem levado mais tempo a fazer as tarefas normais?				
c17. Acha que, de um modo geral, tem trabalhado bem?				
c18. Sente-se satisfeito com a maneira como tem cumprido as suas tarefas?				
c19. Tem-se sentido útil no que faz?				
c20. Tem-se sentido capaz de tomar decisões?				
c21. Tem tido prazer nas suas atividades normais do dia-a-dia?				
c22. Tem-se considerado uma pessoa sem valor nenhum?				
c23. Tem sentido que já não há nada a esperar da vida?				
c24. Tem sentido que a vida já não vale a pena?				
c25. Já pensou na hipótese de um dia vir a acabar consigo?				
c26. Acha que as vezes não consegue fazer nada por causa dos nervos?				
c27. Tem dado consigo a pensar estar morto e longe de tudo?				
c28. Acha que a ideia de acabar com a sua vida está sempre a vir-lhe à cabeça?				

D - Assinale 1 resposta para cada linha

	Discordo totalmente	Discordo	Nem concordo nem discordo	Concordo	Concordo totalmente
d1. Quando faço planos, levo-os até ao fim.					
d2. Eu normalmente acabo por conseguir alcançar os meus objectivos.					

	Discordo totalmente	Discordo	Nem concordo nem discordo	Concordo	Concordo totalmente
d3. Sou capaz de depender de mim próprio mais do que de qualquer outra pessoa.					
d4. Manter-me interessado nas atividades do dia-a-dia é importante para mim.					
d5. Posso estar por conta própria se for preciso.					
d6. Sinto-me orgulhoso por ter alcançado objectivos na minha vida.					
d7. Normalmente faço as coisas conforme elas vão surgindo.					
d8. Sou amigo de mim próprio.					
d9. Sinto que consigo lidar com várias coisas ao mesmo tempo.					
d10. Sou determinado.					
d11. Raramente me questiono se a vida tem sentido.					
d12. Vivo um dia de cada vez.					
d13. Posso passar por tempos difíceis porque enfrentei tempos difíceis antes.					
d14. Tenho autodisciplina.					
d15. Mantenho-me interessado nas coisas.					
d16. Geralmente consigo encontrar algo que me faça rir.					
d17. A confiança em mim próprio ajuda-me a lidar com tempos difíceis.					
d18. Numa emergência, sou alguém com quem as pessoas podem contar.					
d19. Normalmente consigo olhar para uma situação de várias perspectivas.					
d20. Às vezes obrigo-me a fazer coisas quer queira quer não.					
d21. A minha vida tem sentido.					
d22. Eu não fico obcecado com coisas que não posso resolver.					
d23. Quando estou numa situação difícil, normalmente consigo encontrar uma solução.					
d24. Tenho energia suficiente para fazer o que deve ser feito.					
d25. Não tenho problema com o facto de haver pessoas que não gostam de mim.					

E - Estão listadas em baixo 26 afirmações sobre a família. Leia cada afirmação e indique até que ponto é verdadeira para a sua família.

Em que medida é cada uma das seguintes afirmações como a sua família:	Nada como a minha família	Um pouco como a minha família	Às vezes como a minha família	Geralmente como a minha família	Quase sempre como a minha família
e1. Vale a pena fazer sacrifícios pessoais se beneficiar a nossa família.					
e2. Geralmente concordamos sobre como os membros da família se devem comportar.					

Em que medida é cada uma das seguintes afirmações como a sua família:	Nada como a minha família	Um pouco como a minha família	Às vezes como a minha família	Geralmente como a minha família	Quase sempre como a minha família
e3. Acreditamos que algo de bom resulta das piores situações.					
e4. Orgulhamo-nos mesmo do mais pequeno êxito dos membros da família.					
e5. Somos capazes de partilhar as nossas preocupações e sentimentos de maneira produtiva.					
e6. Não importa o quanto difícil as coisas fiquem, a nossa família mantém-se unida.					
e7. Geralmente pedimos ajuda a pessoas fora da família quando não conseguimos resolvê-las nós mesmos.					
e8. Concordamos sobre as coisas que são importantes para a nossa família.					
e9. Na nossa família estamos sempre dispostos a contribuir e ajudar-nos uns aos outros.					
e10. Se algo fora do nosso controlo perturba a nossa família constantemente, encontramos coisas para fazer que nos abstraiam das preocupações.					
e11. Não importa o que acontece na nossa família, tentamos ver o lado positivo.					
e12. Mesmo com horários complicados, encontramos tempo para estar juntos.					
e13. Na nossa família todos entendem as regras sobre formas aceitáveis de agir.					
e14. Amigos e parentes estão sempre dispostos a ajudar, sempre que temos um problema ou crise.					
e15. Quando temos um problema ou preocupação, somos capazes de tomar decisões sobre o que fazer.					
e16. Apreciamos o tempo que passamos juntos, mesmo que seja apenas a fazer tarefas domésticas.					
e17. Se temos um problema ou preocupação que parece exacerbante, tentamos esquecê-lo durante algum tempo.					
e18. Sempre que existem desentendimentos, os membros da família ouvem os diferentes lados da história.					
e19. Na nossa família, arranjamos tempo para fazer coisas que todos concordamos serem importantes.					
e20. Na nossa família podemos depender do apoio uns dos outros sempre que algo corre mal.					
e21. Geralmente falamos sobre as diferentes formas com que lidamos com os problemas ou preocupações.					

Em que medida é cada uma das seguintes afirmações como a sua família:	Nada como a minha família	Um pouco como a minha família	Às vezes como a minha família	Geralmente como a minha família	Quase sempre como a minha família
e22. Na nossa família, as nossas relações sobrepõem-se às nossas posses materiais.					
e23. Decisões sobre mudanças ou toca de emprego têm por base o que é melhor para todos os membros da família.					
e24. Dependemos uns dos outros para nos ajudarmos quando surge algo inesperado.					
e25. Na nossa família, tentamos não tomar uns aos outros como garantidos.					
e26. Tentamos resolver os nossos problemas primeiro antes de pedir ajuda a outras pessoas.					

Escreva por favor todas as coisas que considera ser os principais pontos fortes da sua família. Não descure as pequenas coisas que ocorrem no dia-a-dia e que, frequentemente tomamos como garantido (ex: partilhar a responsabilidade de alimentar a(s) sua(s) criança(s) e leva-la(s) à escola.

F - Pense nas suas relações com os outros (Assinale 1 resposta para cada linha).

	Concordo totalmente	Concordo bastante	Nem concordo nem discordo	Discordo bastante	Discordo totalmente
f1. Os amigos não me procuram tantas vezes quantas eu gostava					
f2. Estou satisfeito(a) com a quantidade de amigos que tenho					
f3. Estou satisfeito(a) com a quantidade de tempo que passo com os meus amigos					
f4. Estou satisfeito(a) com as atividades e coisas que faço com o meu grupo de amigos					
f5. Estou satisfeito com o tipo de amigos que tenho					
f6. Por vezes sinto-me só no mundo e sem apoio					
f7. Quando preciso de desabafar com alguém encontro facilmente amigos com quem o fazer					
f8. Mesmo em situações mais embaraçosas, se precisar de apoio de emergência tenho várias pessoas a quem posso recorrer					
f9. Às vezes sinto falta de alguém verdadeiramente íntima que me compreenda e com quem possa desabafar sobre coisas íntimas					
f10. Estou satisfeito com a forma como me relaciono com a família					
f11. Estou satisfeito com a quantidade de tempo que passo com a minha família					

	Concordo totalmente	Concordo bastante	Nem concordo nem discordo	Discordo bastante	Discordo totalmente
f12. Estou satisfeito com o que faço em conjunto com a minha família					
f13. Não saio com amigos tantas vezes quantas eu gostaria					
f14. Sinto falta de atividades sociais que me satisfaçam					
f15. Gostava de participar mais em atividades de organizações (clubes desportivos/recreativos, partidos políticos)					

G – As seguintes questões são em relação ao(s) seu(s) filho(s), como é o/a seu/sua filho(a)? Como é que ele/ela se sente? É isso que queremos saber através de si.

Por favor responda às seguintes questões com todo o seu conhecimento, assegurando que as suas respostas refletem a perspetiva do/da seu/sua filho(a). Por favor tente recordar as experiências do/da seu/sua filho(a) na última semana.

1. Quem está a preencher o questionário ?

- Mãe
 Pai
 Madrasta/Companheira do Pai
 Padrasto/Companheiro da Mãe
 Outro, quem ? _____

FILHO 1

2. Que idade tem o(a) seu/sua filho(a)? _____

3. Este(a) seu/sua filho(a) é rapariga ou rapaz ?

- Rapariga Rapaz

4. O seu filho(a) tem alguma necessidade educativa especial ou doença que afete o seu dia-dia?

- Sim Não

Se sim Qual? _____

Pense na última semana...	Nada	Pouco	Moderadamente	Muito	Totalmente
g1. O/A seu/sua filho(a) sentiu-se bem e em forma?					
g2. O/A seu/sua filho(a) sentiu-se cheio(a) de energia?					
g3. O/A seu/sua filho(a) sentiu-se triste?					
g4. O/A seu/sua filho(a) sentiu-se sozinho(a)?					
g5. O/A seu/sua filho(a) teve tempo suficiente para si próprio(a)?					
g6. O/A seu/sua filho(a) tem sido capaz de fazer atividades que quer fazer no tempo livre?					
g7. O/A seu/sua filho(a) sentiu que os pais o/a trataram com justiça?					
g8. O/A seu/sua filho(a) divertiu-se com outros rapazes e raparigas?					
g9. O/A seu/sua filho(a) foi bom/boa aluno(a) na escola?					
g10. O/A seu/sua filho(a) sentiu-se capaz de prestar atenção?					

FILHO 2

2. Que idade tem o(a) seu/sua filho(a)? _____

3. Este(a) seu/sua filho(a) é rapariga ou rapaz ?

Rapariga Rapaz

4. O seu filho(a) tem alguma necessidade educativa especial ou doença que afete o seu dia-adia?

Sim Não

Se sim Qual?

Pense na última semana...	Nada	Pouco	Moderada-mente	Muito	Totalmente
g1. O/A seu/sua filho(a) sentiu-se bem e em forma?					
g2. O/A seu/sua filho(a) sentiu-se cheio(a) de energia?					
g3. O/A seu/sua filho(a) sentiu-se triste?					
g4. O/A seu/sua filho(a) sentiu-se sozinho(a)?					
g5. O/A seu/sua filho(a) teve tempo suficiente para si próprio(a)?					
g6. O/A seu/sua filho(a) tem sido capaz de fazer atividades que quer fazer no tempo livre?					
g7. O/A seu/sua filho(a) sentiu que os pais o/a trataram com justiça?					
g8. O/A seu/sua filho(a) divertiu-se com outros rapazes e raparigas?					
g9. O/A seu/sua filho(a) foi bom/boa aluno(a) na escola?					
g10. O/A seu/sua filho(a) sentiu-se capaz de prestar atenção?					

FILHO 3

2. Que idade tem o(a) seu/sua filho(a)? _____

3. Este(a) seu/sua filho(a) é rapariga ou rapaz ?

Rapariga Rapaz

4. O seu filho(a) tem alguma necessidade educativa especial ou doença que afete o seu dia-adia?

Sim Não

Se sim Qual?

Pense na última semana...	Nada	Pouco	Moderada-mente	Muito	Totalmente
g1. O/A seu/sua filho(a) sentiu-se bem e em forma?					
g2. O/A seu/sua filho(a) sentiu-se cheio(a) de energia?					
g3. O/A seu/sua filho(a) sentiu-se triste?					
g4. O/A seu/sua filho(a) sentiu-se sozinho(a)?					
g5. O/A seu/sua filho(a) teve tempo suficiente para si próprio(a)?					
g6. O/A seu/sua filho(a) tem sido capaz de fazer atividades que quer fazer no tempo livre?					
g7. O/A seu/sua filho(a) sentiu que os pais o/a trataram com justiça?					
g8. O/A seu/sua filho(a) divertiu-se com outros rapazes e raparigas?					
g9. O/A seu/sua filho(a) foi bom/boa aluno(a) na escola?					
g10. O/A seu/sua filho(a) sentiu-se capaz de prestar atenção?					

Muito obrigada pela sua colaboração, pode contactar através do gapmarcacao@lis.ulusiada.pt